

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

VANESSA SOL DA SILVA VALLE

**UMA EXPERIÊNCIA EM MÍDIA E EDUCAÇÃO:
ANÁLISE DO PROGRAMA *O DIA NA SALA DE AULA***

ECO/UFRJ

2006

**UMA EXPERIÊNCIA EM MÍDIA E EDUCAÇÃO:
ANÁLISE DO PROGRAMA *O DIA NA SALA DE AULA***

VANESSA SOL DA SILVA VALLE

Monografia apresentada à Escola de
Comunicação da Universidade Federal do
Rio de Janeiro para obtenção do título de
bacharel em Comunicação Social (Hab.
Jornalismo).

Orientadora: Prof^a Dr^a Ilana Strozenberg

ECO/UFRJ

2006

**UMA EXPERIÊNCIA EM MÍDIA E EDUCAÇÃO:
ANÁLISE DO PROGRAMA *O DIA NA SALA DE AULA***

VANESSA SOL DA SILVA VALLE

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social (Hab. Jornalismo).

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Aprovada por:

Profª Drª Ilana Strozenberg - Orientadora

Profª Drª Priscila de Siqueira Kuperman

Profª Drª Maria Helena Junqueira

Rio de Janeiro

2006

DEDICATÓRIA

*À minha família e aos meus amigos pela
compreensão e paciência durante a
concretização deste projeto.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus pais e às minhas irmãs pelo apoio irrestrito e incentivo durante os anos em que estive cursando jornalismo na Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Gostaria de agradecer também às minhas amigas de infância e adolescência, Camila Baltar, Carolina e Alinne, que acompanharam de perto minha trajetória até o ingresso na faculdade. Ao meu querido amigo, Leonardo Simonini, que ouviu pacientemente aos meus desabafos.

Gostaria de agradecer ao Edi, meu namorado, pelo companheirismo e pelo apoio durante a conclusão deste trabalho.

Quero agradecer também aos amigos que fiz na ECO, são eles: Carlos Eduardo Cayres, Thiago Brigada, Camila Belisário, Wagner Maiolino, Vanessa Silveira, Dani, Dani Baiana, Renata Campos, Ana Carolina, Tatiana Mainarde. Estes ficarão guardados para sempre no meu coração pelos momentos de alegria que dividimos pelos corredores da ECO.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Ilana Strozenberg, por ter me incentivado e norteado meus passos até a concretização deste trabalho.

O meu agradecimento é dedicado também às minhas companheiras de trabalho: Patrícia, Rossana, Maria do Carmo, Aline Durães, Daniele Robert, Priscilla Bastos e Gabriela D' Araújo.

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que passaram pela minha vida e que de alguma forma me transformaram numa pessoa melhor.

RESUMO

VALLE, Vanessa Sol da Silva. Uma experiência em mídia e educação: Análise do programa O Dia na sala de aula. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Hab. Jornalismo).

Os avanços tecnológicos e, o conseqüente, desenvolvimento dos meios eletrônicos provocaram mudanças no comportamento social e nas formas das pessoas se relacionarem. Os meios de comunicação tornaram-se cada vez mais presentes na vida dos indivíduos. Nesse contexto, os campos da educação e da comunicação começaram a se inter-relacionar e a escola passou a se preocupar com a inserção dos meios de comunicação em suas práticas educativas. Por outro lado, as empresas jornalísticas do país também começam a se mobilizar para a inserção desses meios impressos nas escolas como parte das ferramentas pedagógicas. Este é um estudo de caso sobre o programa de jornal em educação, *O Dia na sala de aula*. Neste trabalho será analisado como as escolas vêem e entendem programas desta natureza e qual a sua eficácia, tomando como base os objetivos apresentados pela equipe do programa.

ABSTRACT

VALLE, Vanessa Sol da Silva. Uma experiência em mídia e educação: Análise do programa O Dia na sala de aula. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Hab. Jornalismo).

The technological advances and the consequence development of the medias electronics had provoked changes in the social behavior and the forms of the people if to relate. The medias had become each time more presents in the life of the individuals. In this context, the areas of the education and the communication had started if to interrelate and the school passed if to worry about the insertion of the medias in its practical educative. On the other hand, the journalistic companies of the country also start if to mobilize for the insertion of these half printed matters in the schools as part of the pedagogical tools. This is a case study on the periodical program in education, *O Dia na sala de aula*. In this work it will be analysed as the schools see and understand programs of this nature and which its effectiveness, taking as base the objectives presented for the team of the program.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2. Mídia e Educação (contextualização)	13
2.1 Aluno/leitor ativo e eficácia crítica	13
2.2 A mídia como instrumento educativo (o papel da mídia na educação)	16
3 O Dia em sala de aula: A perspectiva da equipe do programa	25
3.1 Da idealização à concretização	25
3.2 O programa e suas características	26
3.2.1 Descrição e análise do material de capacitação de educadores	30
3.3 Importância do projeto para O Dia	33
3.4 Resultados do programa (há uma avaliação para mensurá-los?)	33
4 O Dia na sala de aula: A perspectiva das escolas	36
4.1 importância de <i>O Dia na sala de aula</i> para professores do projeto	36
5 Análise (a importância da mediação)	44
5.1 Uma questão de mediação	44
6 Conclusão	48
7 Referências Bibliográficas	51

ANEXOS

1 Introdução

Os campos da comunicação e da educação se tornaram, hoje, um desafio emblemático da contemporaneidade. O campo de saber dessas duas áreas, aparentemente distintas quando pensadas isoladamente, vêm convergindo. Sobretudo, porque já não se pode mais pensar separadamente nenhuma das áreas que envolvem as ciências sociais, humanas e políticas. O diálogo iniciado pelas áreas mostra que a interdisciplinaridade está inserida nesse universo e a fusão entre comunicação e educação demonstra um resgate da unidade e totalidade do saber, ainda que lentamente em função do recente interesse pelo novo campo teórico.

A interdisciplinaridade destas áreas remete a uma ação pedagógica que aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social e de meios de comunicação mais conscientes de seu papel na sociedade, através da experimentação da vivência de uma realidade global, que se insere nas experiências cotidianas de alunos, de professores e também de comunicadores. A metodologia proposta na interdisciplinaridade induz a uma aprendizagem muito mais estruturada e rica, uma vez que os conceitos se organizam em torno de unidades mais globais.

A interdisciplinaridade é o primeiro passo para que no futuro se estabeleça um estudo transdisciplinar, que tratará do universo macro da comunicação e da educação. Talvez, as duas áreas deixarão de lado seu ponto de interseção para tornarem-se um único campo global que permeie todas as instâncias do saber, levando à possível extinção das fronteiras entre as áreas.

O desenvolvimento dos meios de comunicação provocou (e tem provocado) mudanças no comportamental social. A partir destas transformações, que datam do final do século XIX e início do XX, os teóricos começam a pensar nos efeitos que os meios de comunicação passam a ter na sociedade. Os estudos sobre os meios, tornam-se importantes à medida que se atestou o quão poderoso são estes instrumentos, que poderiam ter tanto efeitos positivos quanto negativos. Para a corrente funcionalista, os meios de comunicação são potencialmente bons, uma vez que democratizam a cultura, contudo, podem apresentar disfunções como o estímulo à passividade diante do excesso de informação (é o que Merton e Lazarsfeld chamam de disfunção narcotizante). A Escola de Frankfurt vai de encontro à idéia de que os meios são potencialmente bons. Para a corrente frankfurtiana os meios de comunicação podem levar ao fim da consciência humana na medida em que padronizam e banalizam os valores da cultura tradicional e estão sempre a serviço do capital empresarial.

Cada vez mais a informação está presente na vida dos indivíduos e, conseqüentemente, no ambiente escolar, e não se sabe ao certo se a escola deve se ocupar de educar para os meios de comunicação, com eles ou apesar deles. São esses questionamentos que impulsionam a pesquisa sobre o tema permitindo delinear, futuramente, novos rumos para a educação e a comunicação.

É por isso que pesquisadores e teóricos dessas áreas têm se ocupado de traçar os caminhos que levam a um novo conceito teórico ainda em construção – educomunicação.

O estudo sobre a convergência entre comunicação e educação deve levar em consideração os pressupostos teórico e prático que envolvem as duas áreas. Assim como descreveu Rosa Maria Cardoso Dalla Costa e Lisandra Ogg Gomes (2005), o pressuposto teórico deve dar conta de novos conceitos e paradigmas que diminuam a distância entre o modelo educacional vigente e a realidade, que tem sido marcada pela presença constante dos meios de comunicação e de informação. Já os pressupostos práticos devem dar conta do cotidiano contraditório da sala de aula, no qual os modelos e representações ditados por esses mesmos meios determinam cada vez mais a ação educativa e os processos de aprendizagem.

Outro ponto a ser destacado, é o fato das grandes empresas de comunicação, que reinam absolutas na produção de informação e entretenimento nos meios tradicionais, no Brasil, não terem uma efetiva preocupação com a questão educacional. Além disso, a televisão tem grande poder de fascínio e sedução sobre o público jovem.

O novo campo teórico (edcomunicação) que está surgindo é de significativa importância para se pensar como a utilização do jornal em educação pode e deve levar à reflexão crítica dos fatos apresentados diariamente nos veículos de comunicação. Desse ponto de vista, o jornal em sala de aula não deve ser utilizado apenas como um recurso pedagógico para ensinar os conteúdos, mas para permitir que o aluno compreenda a dinâmica de produção dos meios de comunicação, qual a lógica que o rege, para tornar-se um leitor crítico, entendendo que uma mídia não traduz a verdade absoluta.

Este trabalho pretende mostrar como o ambiente escolar vem se relacionando com o jornal através de um projeto específico: *O Dia na sala de aula*. No entanto, é de extrema relevância ressaltar que a relação entre comunicação e educação está presente também fora deste contexto, fazendo-se representar em outras práticas.

A metodologia da pesquisa realizada para o trabalho foi qualitativa, através de entrevistas em profundidade com os coordenadores do programa de jornal em educação, *O Dia na sala de aula*. Foram entrevistados também coordenadores e supervisores pedagógicos e professores que participam do projeto e de observação das dinâmicas em sala de aula. Para

tanto, foram realizadas visitas a quatro escolas municipais, de diferentes regiões do Rio de Janeiro, que não permitiram a divulgação do nome das instituições nem de suas equipes por questões burocráticas com a Secretaria Municipal de Educação. As escolas visitadas são voltadas para o ensino básico (educação infantil até 4ª série) e fundamental (5ª a 8ª série).

Os dados fornecidos pela equipe que compõe o programa serão confrontados com a pesquisa qualitativa realizada nas escolas.

No segundo capítulo deste trabalho será discutida a fronteira entre a mídia e a educação. Neste contexto, os meios de comunicação serão mostrados enquanto instrumentos educativos. A partir da inter-relação dos campos será discutido o conceito, ainda em construção, de educomunicação, e quais as suas implicações dentro da atual sociedade contemporânea, assim como o papel do educador, que terá seu perfil descrito segundo o que propõem os teóricos que se debruçam a estudar a introdução da mídia nas práticas educacionais. Nesta ocasião serão apresentadas duas das principais vertentes sobre o uso da mídia por educadores. Será abordada a perspectiva da teoria da recepção, na qual se argumenta a respeito da não passividade do sujeito diante da leitura dos meios de comunicação, na linha definida por Michel de Certeau, em *Ler: uma operação de caça*. Neste mesmo sentido, são utilizadas também as contribuições teóricas de Jesús Martín-Barbero sobre a recepção não passiva dos sujeitos no processo comunicacional e de Umberto Eco.

O terceiro capítulo faz uma historicização do Programa *O Dia na sala de aula*. Um projeto de jornal em educação desenvolvido pelo Instituto Ary Carvalho. Neste capítulo, serão abordadas as razões que motivaram a criação do projeto, seus objetivos, os trabalhos nele desenvolvidos e a definição de seu público-alvo. Haverá uma breve descrição, seguida de análise, do material didático elaborado pelo programa para fomentar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Além disso, será investigada, a partir da perspectiva do programa, a importância de se trabalhar com o jornal em sala de aula para as escolas, professores e alunos. Neste capítulo serão apresentados também os resultados do programa através de uma pesquisa realizada pelo Instituto Ary Carvalho, em dezembro de 2005.

No quarto capítulo, são discutidas, através da perspectiva das professoras, as atividades desenvolvidas por elas e a importância de se realizar práticas educacionais com crianças e jovens no ambiente escolar. Assim como, a eficácia do programa enquanto um projeto educacional. Será abordada também em que medida as dinâmicas em sala de aula se enquadram nas vertentes das teorias da educação apresentadas no segundo capítulo.

O quinto capítulo é destinado a uma análise sobre a importância de o professor adotar a postura mediadora no desenvolvimento das práticas educativas que utilizam os meios de

comunicação como ferramenta. Para tanto, será abordada a importância do educador/mediador saber identificar os processos de construção da notícia, bem como os jogos de interesses que estão por trás do discurso das empresas jornalísticas. Para este capítulo foram utilizadas as contribuições teóricas de autores tanto da área da comunicação quanto da educação.

2. Mídia e Educação (contextualização)

2.1 Aluno/ leitor ativo e a eficácia crítica

Na Europa do entre guerras, estudiosos começaram a formular teorias a respeito de um fenômeno que estava mudando a vida das pessoas. Em meio à situação de caos, provocada pela 1ª Grande Guerra Mundial, começavam a surgir novas tecnologias que deram origem aos meios de comunicação eletrônicos.

Junto com o aparecimento dessas novas tecnologias começavam a emergir os regimes totalitários por toda Europa. Diante desta experiência autoritária, alguns teóricos, que deram origem à chamada Escola de Frankfurt, começaram a se indagar sobre as relações entre o poder e os meios de comunicação. Para esta corrente teórica, à qual pertencia Adorno e Horkheimer, o foco da análise se centra na produção das mensagens. Isso levaria à incorporação de valores da lógica burguesa e ao conformismo. Quem detinha nas mãos o poder político, detinha também o poder econômico e poder dos meios de comunicação.

Essas teorias não eram embasadas por pesquisas de campo, mas propunham um modelo geral de análise que foi disseminado dentro de um contexto de político e econômico adverso causado pelas Guerras. Os teóricos de Frankfurt também foram chamados de apocalípticos por Umberto Eco por acreditarem que o que os meios propunham resultaria do fim da consciência humana. Na verdade, esses pensadores afirmavam na passividade dos receptores diante das mensagens emitidas pelos produtores dos meios, os emissores da mensagem.

Após a difusão das teorias da Escola de Frankfurt, surgiram nos Estados Unidos, por volta do final dos anos 40, duas vertentes teóricas que também problematizaram as questões a respeito dos meios de comunicação.

A *Mass Communication Research*, em contraposição aos teóricos europeus, formulavam suas interpretações a partir de pesquisas de campo e seus teóricos eram dotados de um certo otimismo em relação aos meios de comunicação. Lazarsfeld, que pertenceu a esta corrente, afirmava que a função primeira dos meios de comunicação de massa é o entretenimento e que estes são também responsáveis pela democratização da cultura e da informação.

Na outra vertente norte-americana, Marshall McLuhan defendia a idéia de que meio é a mensagem, ou seja, os meios são a própria ideologia. McLuhan acreditava que os

produtores dos meios eram capazes de “bombardear” os emissores de mensagens com conteúdos diversos, mas que se nivelavam e perdiam suas diferenças.

Desse ponto de vista, qualquer mudança deveria passar pelo conteúdo das mensagens, pois acreditava-se que estas eram decodificadas pelos receptores tal qual era emitida, e que no processo de elaboração das mesmas havia a intenção de manipulá-los. No entanto, esta premissa começa a ser questionada a partir de certas evidências. Por exemplo, até mesmo no caso dos regimes totalitários nem todas as propagandas veiculadas obtiveram o resultado esperado. Também nos Estados Unidos, os pesquisadores da corrente de *Mass Communication Research*, em suas pesquisas, comprovavam que nem todas as mensagens veiculadas no país alcançavam o resultado idealizado pelos seus emissores.

Assim, após a disseminação das teorias da Escola de Frankfurt e dos funcionalistas norte-americanos, surge uma nova corrente de pensamento que desloca o foco de estudo da teoria da comunicação do pólo da emissão para o pólo da recepção.

A partir dessas idéias se passa a entender que o foco do processo comunicacional deve ser deslocado para o receptor, que já não é visto como passivo.

Em *Guerrilha Semiológica*, Umberto Eco critica tanto apocalípticos quanto integrados, afirmando que os teóricos das duas correntes coincidiam nas suas premissas que situam no produtor todo o poder de comunicação das mensagens, isto é: “têm firme confiança no poder do conteúdo da mensagem.” (ECO, 1993, p. 167). Nesse mesmo texto, propõe que o processo de comunicação ocorre de maneira diferente da descrita anteriormente, estando o receptor no centro desta cadeia. Para Eco “o meio não é não mensagem” mas “a mensagem depende do código” (ECO, 1993, p. 172). Nesse sentido, o processo de significação das mensagens passa pelas mãos do receptor, cabendo a ele interpretá-las de acordo com o código utilizado. Desta maneira o autor descarta a possibilidade de uma recepção passiva.

É de conhecimento de grande parte de teóricos e pesquisadores que não é possível modificar completamente o conteúdo das mensagens veiculadas, mas é possível trabalhar com os receptores para que estes possam fazer uma leitura mais crítica.

Nessa perspectiva, Umberto Eco se levanta contra a questão da alienação. Na visão do autor, não é possível um modo de controle que determine a maneira como o receptor irá receber determinada mensagem. Sendo assim, Eco afirma também que “[...] existem meios de comunicação que à diferença dos meios de produção, não são controláveis nem pela vontade privada, nem pela vontade coletiva.” (ECO, 1993, p. 172).

Martín-Barbero, por sua vez, vai mais adiante na sua perspectiva sobre o processo de comunicação afirmando que o poder não está de todo nas mãos do receptor tão pouco na dos

produtores. Este poder está relativizado, pois em parte coloca-se em parte sobre o domínio de ambos. Uma das ameaças do estudo da recepção seria desvincular o pólo emissor deste processo de produção. Neste sentido o autor afirma que:

Ainda hoje, há gente que pensa que pensa que a recepção é programável e que o pobre receptor não é senão uma vítima manipulada dessa recepção [...] boa parte da recepção está de alguma forma organizada, tocada, orientada, pela produção, tanto em termos econômicos com em termos estéticos narrativos, semióticos. Não há uma mão invisível que coordena a produção com a recepção. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 56).

Como afirma Martín-Barbero, outro autor que defende a idéia de perceber a comunicação como processo em que a relação produtor-receptor deve ser entendida de forma dinâmica, a recepção é uma espécie de outro lugar e uma etapa no interior do processo de comunicação. Esse lugar outro que o autor propõe para a recepção é também o lugar de chegada, o lugar de produção de sentido no qual cabe ao leitor/emissor a decodificação do signo.

Na era eletrônica, o antigo modelo de comunicação, um modelo que pode ser entendido como mecânico, pode e deve ser repensado através da perspectiva da recepção. O antigo modelo, ainda hegemônico, não dá conta dos verdadeiros atos de comunicação. Para este modelo comunicar é apenas fazer chegar a informação a um outro pólo. Isto implica na aceitação de que existem significado e sentidos já prontos e construídos a serem internalizados através da passividade de quem recebe estas mensagens.

No entanto, a decodificação das mesmas é parte fundamental do ato de comunicação. O sujeito que constitui o pólo receptor decodifica mensagens enviadas produzindo seu próprio sentido e construindo o significado. É a partir desta lógica de decodificação de mensagens que a teoria da recepção funciona. Um fator de destaque é que quanto maior o grau de instrução de determinados segmentos maior é a capacidade de leitura crítica. Leitura esta que acontece a partir das experiências sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelo receptor.

Martín-Barbero (1998) propõe também que há uma reorganização das relações sociais, no sentido de uma maior fragmentação: cada indivíduo vê hoje a sua televisão. Ou seja, através de escolhas e em função do maior grau de diversidade dos canais e programas cada sujeito pode montar sua própria programação, o que ocorria em menor escala no início do aparecimento dos meios de comunicação. E cada vez mais, as novas tecnologias acentuam mais essas tendências e a possibilidade de cada sujeito fazer suas próprias escolhas.

Diante da impossibilidade de se modificar o pólo emissor, já que não é de hoje que esses grupos defendem e vão sempre continuar defendendo seus interesses e valores, o

conceito de educomunicação trabalhará o pólo da recepção, propiciando subsídios para que a decodificação da mensagem seja mais crítica e reflexiva. É importante destacar que o maior ou menor grau de instrução influencia a maneira de ler de cada receptor. Neste momento, o educador atua junto aos alunos/receptores das escolas promovendo ações que propiciem uma nova visão de mundo.

2.2 A mídia como instrumento educativo

Com o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, a partir do início do século XX, a difusão da informação tomou proporções inimagináveis, parecendo estar presente em toda parte. A sensação de estar sendo “bombardeado” de informações por todos os lados se deve ao fato de se viver, hoje, na era da informação. A partir desse desenvolvimento tecnológico, que provoca transformações na sociedade e no comportamento social, torna-se perceptível que a mídia, de modo geral, passa a ter uma influência cada vez mais direta na vida de crianças, de jovens e de adultos, que são envolvidos por notícias provenientes dos mais diversos meios de comunicação.

No ponto de vista da professora da Escola de Comunicação e Artes da USP, Maria Cristina Costa, vive-se, atualmente, na era da informação porque “[...] é a mídia que, com seu desenvolvimento tecnológico e expansão, transforma o mundo de hoje na era da informação e da comunicação. Assim, as relações interpessoais se vêm cada vez mais intermediadas por relações simbólicas midiática.” (COSTA, 2005, p. 1).

É a partir da perspectiva do desenvolvimento tecnológico que os campos da comunicação e da educação começam a convergir. Principalmente, porque uma introdução mais efetiva dos meios de comunicação no ambiente escolar se iniciou com os meios audiovisuais a partir da preocupação do Ministério da Educação (MEC) com as novas demandas sociais, que tem os meios como a ferramenta capaz de informar sobre os fatos cotidianos, além de permitir o desenvolvimento de seu conhecimento e capacidade crítica através de todo aporte tecnológico disponível hoje. Nesse sentido a escola deve ser subsidiária da formação cultural e técnica de seu corpo discente.

A inter-relação entre comunicação e educação começa a ser difundida mais efetivamente no Brasil a partir da década de 90, em função das demandas criadas a partir do desenvolvimento tecnológico. Essas práticas, no entanto, já existiam há mais tempo fora do país, como é o caso da Noruega, da Espanha e da França, que no século XIX já discutiam a introdução dos meios na escola.

Sobre a convergência dos campos, Costa afirma, ainda, que sua principal motivação é de ordem social, e que torna necessária a “busca de novos procedimentos e de novos modelos de explicação da realidade.” (COSTA, 2005, p. 1).

Apesar da atual proximidade dos campos, historicamente eles foram constituídos distintamente, enquanto dois campos fortes, cuja legitimidade se dá em esferas distintas.

Entretanto, pesquisadores tanto da área da Comunicação quanto da Educação estão voltados à proximidade dos campos pela sua urgência na sociedade contemporânea, para a formação de sujeitos críticos diante da mídia. Pois, como afirma o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais¹:

O rádio e a televisão, ao lado das revistas, constituem-se nas principais fontes tanto de fantasia quanto de informação acerca do que se passa no mundo. A qualidade da maior parte das programações é, sem dúvida, muito discutível. Informações tendenciosas, tanto naquilo que é dito quanto naquilo que deixa de ser dito; produções artísticas pouco elaboradas; incentivo ao consumo desenfreado; valorização de atitudes violentas e discriminatórias. (MEC, 1998, p 120)

Nessa relação ora de distanciamento ora de proximidade é que as práticas que aliam educação e comunicação emergem no seio da sociedade com o intuito de proporcionar um ambiente onde se possa exercer plenamente a cidadania. Neste esforço, educadores apostam numa visão da mídia não como adversária, mas como elemento fundamental às práticas pedagógicas, assim como descrito pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A mídia pode ser uma grande aliada no processo educacional: é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico. Do ponto de vista educativo, o problema não está no consumo, mas no consumo passivo de tudo que é veiculado. (MEC, 1998, p. 120)

A inserção dos meios de comunicação na escola, como parte dos atos pedagógicos é chamada pelos pesquisadores que se debruçam sobre a inter-relação dos campos de educomunicação. As práticas educomunicativas podem se dá através da televisão, do rádio, de jornal impresso ou da internet.

De acordo com a Associação Nacionais dos Jornais (ANJ), segundo dados da pesquisa nacional realizada em 2004, a utilização do jornal impresso em sala de aula ajuda no incentivo

¹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são textos produzidos por educadores, publicados pelo Ministério da Educação a fim de nortear as políticas educacionais do ensino básico e fundamental público do país.

à leitura, na democratização da informação, na redução do analfabetismo, além de ser fonte para o debate e o exercício da cidadania. Ainda de acordo com dados da ANJ, das 107 empresas jornalísticas que participaram da pesquisa, 48 possuem algum tipo de programa de jornal em educação – independentemente da natureza das atividades realizadas – e quatro estão em fase de implantação de projeto.

Para os defensores desse tipo de ação, a utilização do jornal impresso na sala de aula pode fornecer ao professor o subsídio necessário para que os alunos saiam ao final do ensino médio letrados, com capacidade crítica e sabendo ler nas entrelinhas e relacionando o conhecimento adquirido na escola com os fatos do cotidiano. Ainda sob o ponto de vista da formação do cidadão a escola deve utilizar os meios de comunicação em suas práticas. Por outro lado, é preciso que essas práticas sejam revistas, pois, talvez, seja esta a maior contribuição para a formação do cidadão. Neste sentido o professor deve propor trabalhos que demonstrem as implicações que os fatos têm na sociedade, além de suas causas e consequências.

A mídia como instrumento educativo, como tal o descrito pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pode tratar também dos temas transversais na escola, como por exemplo, o meio ambiente, a fim de que a formação dos estudantes seja voltada à questão da cidadania:

O rádio, a TV e a imprensa, por outro lado, constituem a grande fonte de informações que a maioria das crianças e das famílias possui sobre o meio ambiente. Embora muitas vezes aborde o assunto de forma superficial ou equivocada, a mídia vem tratando de questões ambientais. Notícias de TV e de rádio, de jornais e revistas, programas especiais tratando de questões relacionadas ao meio ambiente têm sido cada vez mais frequentes [...]É importante que o professor trabalhe com o objetivo de desenvolver, nos alunos, uma postura crítica diante da realidade, de informações e valores veiculados pela mídia e daqueles trazidos de casa. (MEC, 1998, p. 25).

Para trabalhar com jornal em educação é necessário que os educadores entendam-no através seu desígnio maior que é o de comunicar e informar. Além disso, é de fundamental relevância o entendimento da estrutura da informação jornalística. Como afirma Flávia Aidar, coordenadora do Programa Folha Educação, programa de jornal em educação desenvolvido pela Folha de São de Paulo:

E isto necessariamente implica desvendar e compreender a ‘arquitetura informacional’ do jornal, ou seja, identificar o papel de cada recurso de que ele se utiliza para a comunicação: fotos, legendas, mapas, números, tabelas,

manchetes, gráficos, etc., como elementos complementares e facilitadores do processo de leitura. (AIDAR, 1995, p. 125).

Dessa perspectiva, conhecer e reconhecer os elementos estruturais dos jornais, além de ser um facilitador no processo de leitura, torna-se, sem dúvida, um ponto fundamental para trabalhar com jornal em sala de aula. Outra questão relevante sobre este aspecto é que, quanto mais os professores e educadores que adotam as práticas educomunicativas – sobretudo aquelas que fazem uso do jornal impresso – compreenderem essa estrutura, mais preparados estarão para entender e enfrentar as armadilhas destes meios de comunicação, tão associadas ao mito da neutralidade e da imparcialidade. Esse mito é consolidado com as reformas editoriais dos jornais impressos brasileiros a partir da década de 50. Sobre a aceitação das informações oriundas da mídia como sendo a expressão de uma verdade incontestável, Ana Paula Ribeiro diz:

Acreditamos que isso deve essencialmente ao mito da neutralidade e da imparcialidade que surgiu, em meados do século XIX, como a idéia do *jornalismo informativo* (grifo do autor), e que se fortaleceu, no século XX, com o desenvolvimento nos Estados Unidos, nas décadas de 20 e 30, do conceito de *objetividade* (grifo do autor). (TRAQUINA *apud* RIBEIRO, 2000, p. 33).

Pode se perceber que há duas vertentes centrais no discurso que defende o uso pedagógico do jornal. A principal delas é o incentivo à sua leitura crítica. Nesta circunstância, o jornal é apresentado como um dos veículos responsáveis por transmitir informação. Já na outra, o jornal é apresentado com o recurso pedagógico que será utilizado como instrumento para o aprendizado dos conteúdos escolares, desvinculado do seu compromisso informativo, como por exemplo, a realização de atividades para identificação de letras, reconhecimento de palavras e aprendizado dos conteúdos disciplinares de maneira isolada. Neste caso, quando se trabalha a informação, o enfoque é no aprendizado literal do conteúdo, sem perspectiva crítica.

Ainda sobre a segunda vertente, a autora Renata da Silva Barcelos, que elaborou um material didático para a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, sobre como trabalhar com jornal impresso na sala de aula, acredita que a utilização do jornal em educação apenas é recurso pedagógico, sendo introdutório dos conteúdos disciplinares ou para ilustrá-los, pode levar os alunos a uma consciência crítica e reflexão sobre os fatos cotidianos. Entretanto, segundo Geneviève Jacquinet (2000), da Universidade de Paris, essa não é a melhor estratégia de se propor trabalhos com textos jornalísticos. Em alguns casos, do critério

de escolha do texto jornalístico a sua utilização nas práticas pedagógicas, professores associam ao entretenimento e não a informação.

No que diz respeito à transmissão de informação, primeira vertente apresentada, é ressaltado que o educador tem que estar preparado para entender que a questão principal da educomunicação é trabalhar junto aos alunos/ leitores passando pela perspectiva da recepção. Cada ato de leitura seria um momento em que determinado leitor está completamente imerso em ato de caça como afirma Michel de Certeau: “[...] os leitores são viajantes, circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que se escreveram [...]”. (CERTEAU, 1996, p. 269).

Em contraponto ao consumo passivo, como acreditam algumas correntes teóricas da comunicação, Certeau afirma que a leitura é um momento de caça e que cada leitor faz sua leitura de acordo com o texto e com suas experiências, inclusive, aquelas adquiridas através da tradição oral muito presente em toda sociedade.

Usar metodologias educacionais que se utilizem dos meios de comunicação, é compreender que se irá privilegiar o debate sobre a construção de significados e que alunos estão aptos a fazê-los. “O interesse pelo trabalho do ‘receptor’ transformando em co-construtor da mensagem, característico das novas pesquisas centradas no receptor, em seqüência ao interesse aplicado sobre a comunicação no cotidiano.” (CERTEAU *apud* JACQUINOT, 2005, p. 4).

Nos discursos predominantes sobre o papel do educador predomina a vertente, citada anteriormente, que percebe a educomunicação como formadora de leitores críticos. Nessa perspectiva, o educador é o mediador que impulsiona o debate reflexivo sobre questões relevantes que estão presentes no cotidiano dos alunos, papel que pode ser desempenhado por um professor, um comunicador ou qualquer outro agente social que tenha interesse pela inter-relação entre os campos da comunicação e da educação.

A educomunicação é, assim, uma prática de protagonismo, na qual os jovens devem ser ativos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A partir daí, educomunicação é uma prática que deve ser iniciada ou implantada ao mesmo tempo em veículos de comunicação, sejam eles alternativos ou não, e nas escolas. Ou seja, deve estar presente em todos os lugares.

É na questão da mediação que o educador deve se ater. Através desta perspectiva Geneviève Jacquinot (2005) afirma que o educador possui uma espécie de duplo papel na forma de conduzir as atividades, pois abarca as teorias da comunicação e da educação. Assim, precisa ter em mente que o seu objetivo maior não é formar “pseudos-jornalistas”

(JACQUINOT, 2005, p.5), mas motivar a leitura crítica dos meios e entender que existe um jogo de poder econômico, político e ético sobre a construção da notícia e sobre a produção de sentido que o pólo emissor das mensagens quer lhes dar. Ainda segundo a autora, a partir da recepção crítica dos meios, estudantes compreendem que a construção de sentido de uma notícia passa pela forma como eles (alunos/leitores) as receberão, o que irá variar com o contexto em que estão inseridos e como outras experiências vividas.

No ponto de vista desta mesma autora, as contribuições do educador são inúmeras para troca de experiências com os estudantes. Nesta perspectiva ela considera que o educador deve ser “consciente que uma educação ‘de massa’ e ‘multicultural’, se situa além da simples aquisição de conhecimentos escolares” (JACQUINOT, 2005, p. 5). Além disso, ela acredita que o educador deve estar atento para não desvalorizar os meios de comunicação, principalmente os audiovisuais.

Na visão de Jacquinot, é atribuição do perfil do educador:

- Ver nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos certos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo: donde a necessidade de analisar e de comparar, visando retificar as ditas representações;
- Estar convencido que a uma emissão não é um ato “passivo”, mas mobiliza uma quantidade de “micro-saberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dar sentido; (JACQUINOT, 2005, p. 5).

Outro ponto destacado, por esta mesma autora, sobre o perfil do educador é que ele:

- Aceita um novo referencial de educador-adulto para o aluno, dos alunos entre eles e um novo referencial de todo o conhecimento: o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado);
- Aceita que entrem na escola outros universos e outras modalidades de apropriação da realidade: em particular, ele pode, a partir das emoções provocadas pela televisão, trabalhar sobre diversas “abordagens do real” e construir progressivamente um pensamento rigoroso. (JACQUINOT, 2005, p. 5).

Segundo a Jacquinot:

[...] o educador reconhece que não há mais monopólio da transmissão de conhecimento [...] Os professores que introduziram os meios na escola, a imprensa, a televisão, puderam perceber que isso provoca uma mudança nos objetivos e nos métodos de ensino. (JACQUINOT, 2005, p. 5).

Neste sentido, “o professor que trabalha sobre os meios não dispõe de um corpo de conhecimentos transmissíveis do que sabe e do que não sabe, porque a informação pertence a todos e aos meios. Isso coloca em pé de igualdade os alunos e professores”. (JACQUINOT, 2005, p. 5).

A educação, além de ser um novo campo de intervenção social, é também o lugar da troca, na qual educadores e educandos se educam à medida que as experiências são compartilhadas por ambos, assim como afirmava Paulo Freire.

Atualmente a importância desse campo de atuação social vem sendo reconhecida por organizações não-governamentais, secretarias de educação, veículos de comunicação comunitários e outras instituições no país, que começam a se interessar pelo assunto e propor novas iniciativas sobre o campo.

O Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em termos de ensino formal universitário, é um dos pioneiros no tratamento da inter-relação como a comunicação e educação. Nesta instituição são desenvolvidos os projetos como: o educom.rádio; educom.rádio centro-oeste; educom.tv; tódeolhonatv; entre outros, que tratam da questão da educação.

Partindo das empresas de comunicação, o pioneirismo fica por conta do jornal do Rio do Grande do Sul, Zero Hora, que implantou seu primeiro programa de jornal em educação, em 1982. Em seguida o jornal carioca O Globo também implantou um programa nos mesmos moldes. O primeiro, no entanto, deixou de ter continuidade logo nos primeiros anos de funcionamento. O segundo, manteve sua perenidade e está a quase 24 anos realizando atividades. Entretanto, no seu início não havia acompanhamento pedagógico que há atualmente nem objetivos reais a serem alcançados. Era feita apenas a distribuição dos jornais as escolas.

A proposta, é que, através da educação, as formas de ensinar deixem de ser as tradicionais, que existem a décadas, provocando mudanças na sociedade e no sistema de educação. Como propõe Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, na educação é preciso criar “ecossistemas comunicativos” (SOARES, 2006a, p. 1) a fim de que o acesso às tecnologias da informação se

dê de maneira apropriada por todos aqueles a utilizarem. Neste sentido, Soares afirmam que os estudos realizados na área “apontam para a necessidade de se promover uma verdadeira ‘gestão da comunicação em espaços educativos’. Em outras palavras, a comunicação precisa ser planejada, administrada e avaliada, permanentemente.” (SOARES, 2006a, p. 1)

A leitura na escola nunca foi estimulada como atividade atrativa, prazerosa que propicie o desenvolvimento de habilidades mais subjetivas com a criatividade. Como afirma Martín-Barbero, a relação educativa sempre foi com a cultura letrada e essa relação tem se desgastado.

Mas tenho que reconhecer que, na relação educativa, nós adultos usamos a cultura letrada, desde o primário, muitas vezes em um sentido de ajuste de contas, chantageira, e o máximo é quando nos damos conta de que os alunos, por muitas razões, e não só por culpa da televisão, lêem cada vez menos. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 51).

É sob a perspectiva da leitura, hábito cada vez mais escasso entre crianças, jovens e adultos (motivados por inúmeros fatores, entre eles ao maior acesso a TV) que a inserção do jornal no ambiente escolar tornar-se instrumento de ação no hábito da leitura, principalmente, a leitura crítica.

No país, por questões culturais a televisão tem largo alcance entre as diferentes classes sociais. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2004, 90,3% dos domicílios do país possuem televisão, o que demonstra que no Brasil a TV é um meio de comunicação de massa. Esta porcentagem em números representa mais de 40 milhões de domicílios. De acordo com levantamento setorial da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA), referente ao terceiro trimestre do ano de 2005, o número de pessoas, que possuem este tipo de serviço, chega a 3.956.105 milhões de assinantes.

Ainda sobre este aspecto da leitura, o professor – mediador entre as práticas pedagógicas e os meios de comunicação – tem de se tornar àquele que estimula a leitura na sala de aula de jornais impressos, sobretudo a leitura prazerosa, onde o aluno navega, desvencilha e decodifica as mensagens. Martín-Barbero afirma que o resultado negativo de não estimular a leitura agradável “é que crianças aprenderam a ler sem nenhum prazer, como tarefa de, como ofício, não como espaço do imaginário, do prazer, da criatividade.” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 51).

Quanto à questão da recepção, Certeau se levanta contra a idéia de Toffle que diz o público só consome aquilo que lhes é imposto. “Em geral, esta imagem do ‘público’ não se

exibe às claras. Mas ela costuma estar implícita na pretensão de “produtores” de *informar* uma população, isto é, ‘dar forma’, às práticas sociais.” (CERTEAU, 1996, p. 260).

A recepção como lugar da interação, como descrito por Martín-Barbero, e explicado no item 2.1, e da eficácia crítica da leitura, como parte das atividades da escola, dá-se não só “com as mensagens, mas como a sociedade, como outros atores sociais e não só com os aparatos tecnológicos.” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 58).

Neste sentido, alunos atuam caçadores, assim como afirma Certeau. É sobre o princípio único de cada indivíduo decodificar uma mensagem e dar-lhe sentido que os teóricos Umberto Eco e Michel de Certeau se levantam.

Falar da produção dos meios de massa e falar de uma fonte única, centralizadora, estruturada segundo modelos de organização industrial, no entanto Eco afirma que: “[...]se isso ocorre não é verdade nem mesmo que a ação sobre a forma e sobre os conteúdos da mensagem pode converter quem a recebe. Uma vez quem recebe a mensagem parece ter um resto de liberdade: a de lê-la de modo *diferente* (grifo autor).” (ECO, 1993, p. 168).

A partir das reflexões aqui apresentadas, fica evidente a articulação das teorias dos dois campos de saber tanto da comunicação quanto da Educação são essenciais para mudanças do paradigma da transmissão do conhecimento e a transformação atual pedagogia no sentido da construção de pedagogia ativa.

No próximo capítulo se irá analisar em que medida isso vem ou não ocorrendo no caso de um programa específico de jornal em educação: *O Dia na sala de aula*.

3. O Dia na sala de aula: A perspectiva da equipe do programa

3.1 Da idealização à concretização

As atividades do programa de jornal em educação desenvolvidas pelo jornal *O Dia* tiveram início em novembro de 1995. *O Dia na sala de aula*, como é chamado, está ligado diretamente ao Instituto Ary Carvalho (IAC) – instituição sem fins lucrativos, do Grupo *O Dia* de Comunicação, criada em 1999 com o objetivo de desenvolver práticas de inclusão social de crianças e jovens de favelas e comunidades carentes através de projetos sociais, educacionais e de saúde.

O Dia na sala de aula foi idealizado por Rosângela Tardelli de Andrade, que durante dez anos foi coordenadora pedagógica do programa. Inicialmente, a idéia era criar um projeto de alfabetização de jovens e adultos através do jornal, no qual educadores populares seriam mediadores deste processo. Ao apresentar sua proposta à coordenadora geral do IAC, Magda de Almeida, a idéia foi aceita apesar do Instituto ainda não estar oficializado à época (era apenas o departamento de qualidade do jornal). Foram feitas, no entanto, algumas mudanças: o programa atenderia as escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, não só para alfabetização, mas também para estimular o hábito da leitura entre os estudantes (informação verbal). Este ponto será desenvolvido no item 3.2.

A atual equipe de *O Dia na sala de aula* é composta pela Coordenadora Geral do Instituto, Magda de Almeida, e por três pedagogos, Maria Emília Kapssel, Wendel Freire e Luciana Amorim.

O Dia na sala de aula trabalha, atualmente, com 66 escolas da rede municipal de ensino, que englobam desde a educação infantil até o ensino fundamental (5ª à 8ª séries), e uma escola estadual que é destinada à formação de professores.

Até o final de 2005, o programa já tinha conseguido a participação de 751 escolas localizadas em diferentes regiões do Rio de Janeiro e o número de professores e alunos envolvidos havia alcançado a marca de 18.733 e 404.418, respectivamente.

Por ser um programa de jornal em educação, desenvolvido especificamente para atender as escolas públicas, *O Dia na sala de aula* não está vinculado à área de Marketing, mas a projetos sócio-educacionais mantidos pelo IAC, que foi fundado sob a perspectiva de responsabilidade social. Deste modo, seu objetivo final, tal como explicitado oficialmente, não é nem o aumento nem a formação de público leitor para o jornal, mas sim o incentivo ao hábito da leitura.

3.2 O programa e suas características

Existe um material de apresentação do programa e ambientação dos professores. No entanto, para perceber o modo como as pessoas diretamente envolvidas entendem seus objetivos e formas de atuação, foram realizadas entrevistas com a coordenadora geral do Instituto Ary Carvalho, com sua ex-coordenadora pedagógica e com os pedagogos que são diretamente encarregados pela sua implementação.

Dentre os diferentes objetivos do projeto apresentados pelos entrevistados, destacam-se a preocupação com a formação continuada de professores da rede pública de ensino, visando ao aprimoramento das qualificações destes educadores através do intercâmbio de idéias entre as práticas pedagógicas e de comunicação. Desta maneira, seu uso favorece o acesso a novas propostas de rumos para a educação através do uso de produtos midiáticos em sala de aula. O pressuposto é que a interação entre comunicação e educação favorece ao professor/educador atuar como mediador dentro do universo escolar, sendo aquele que propicia o encontro dos alunos com a informação, através da leitura crítica dos meios.

Outro objetivo do programa é estimular, entre professores e alunos, o hábito da leitura dos mais diversos meios impressos sejam eles livros, revistas ou jornais, uma vez que esta prática estaria cada vez mais distante da realidade cotidiana de grande parte dos sujeitos.

Além disso, também faz parte do objetivo do programa enriquecer a visão de mundo de todos aqueles que dele participam, através da leitura e do debate, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, participativos e críticos na sociedade.

A escolha de escolas públicas como público-alvo do projeto se deve ao fato dos estudantes dessas instituições não terem um contato efetivo com jornais impressos, sendo a televisão a maneira mais comum desse grupo obter informação sobre os acontecimentos do dia-a-dia. De acordo com Magda de Almeida, ainda outro fator para esta escolha é o baixíssimo índice de leitura entre crianças, jovens e adultos no Brasil. De acordo com a pesquisa realizada, em junho de 2004, pela Câmara Brasileira do Livro, 61% dos brasileiros adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contato com os livros.

Há dez anos atrás, o primeiro contato entre *O Dia na sala de aula* e as escolas partiu do próprio programa. Atualmente, a iniciativa parte das escolas que, geralmente, ficam sabendo da existência do projeto através de seus professores ou de professores de outras unidades. Para participarem, é necessário que, pelo menos, cinco docentes estejam interessados em realizar atividades com jornal em sala de aula. Este interesse deve ser justificado no ato do cadastramento. Ao final de cada ano letivo, as escolas devem enviar um

ao IAC um relatório descrevendo como foi a realização do trabalho durante aquele ano, as dificuldades, a participação de alunos e professores, além de sugestões e críticas.

O Dia na sala de aula oferece gratuitamente os jornais que serão utilizados pelas escolas através de doação do “encalhe”, isto é, dos jornais que não foram vendidos nas bancas. De acordo com o pedagogo do projeto, Wendel Freire, mesmo que o jornal não tenha sido publicado no dia em que ele será trabalhado, seu uso é positivo, na medida em que, em muitos casos, os discentes não têm acesso a nenhum jornal.

O programa oferece curso de capacitação e oficinas para os professores, coordenadores e supervisores das escolas a fim de que as atividades com os estudantes promovam, de fato, uma leitura reflexiva e crítica.

Durante o curso de capacitação, os professores recebem um material especialmente elaborado pelo jornal (que será analisado no item 3.2.1), onde são passadas as instruções sobre a dinâmica do programa, explicando como, quando, onde, por que e para que utilizar o jornal em sala de aula. Neste material, é mostrada a estrutura do jornal e apresentadas as definições de cada elemento que o compõe, tais como: o que é o fato, a informação, a notícia, a reportagem, a matéria, o lead, a manchete, o sub-título, a legenda, as editorias, os cadernos, os suplementos, a página de opinião, o editorial e para quê ele se destina, as charges e os cartoons.

Além do curso de capacitação, são realizadas oficinas sempre que as escolas requisitarem. Elas são feitas para atender a necessidades mais específicas de cada escola, como, por exemplo, a dificuldade de utilização do jornal em sala de aula. A iniciativa para este tipo de encontro, entre a escola e a equipe do *O Dia na sala de aula*, parte de ambos os lados. Em geral, o programa faz uma visita à escola para conhecer melhor a sua realidade. No entanto, se a escola solicitar, outras visitas e oficinas são realizadas.

A capacitação dos docentes, para realização de atividades com os meios de comunicação, torna-se um subsídio imprescindível na medida em que esses não possuem a formação necessária para esse tipo de trabalho. Em relação à formação inadequada, parte se deve a falta de percepção das universidades e faculdades, que formam esses profissionais, a respeito da inserção da mídia no ambiente escolar, suas possibilidades de uso e diferenças produzidas na vida de estudantes e professores.

Além das oficinas pedagógicas, *O Dia na sala de aula* também realiza encontros temáticos mensais com os educadores, seminários, exposições e jornadas de educação anualmente.

No material didático oferecido pelo programa, nas oficinas e em outros encontros de capacitação são sugeridas atividades a serem realizadas em sala de aula. A primeira delas é ensinar às crianças e aos adolescentes o modo de usar fisicamente o objeto jornal, como devem segurá-lo e como deixá-lo organizado após a leitura. Com as crianças menores, é indicado que, inicialmente, grampeie-se o jornal até que elas se habituem ao seu manuseio. Recomenda-se a realização desta atividade às turmas iniciantes no projeto.

Outra atividade sugerida é hemeroteca, que é uma coleção de recortes de jornais organizados por assunto. Os alunos montam o arquivo, com a ajuda dos professores, de acordo com seus próprios interesses.

Já na atividade “o jornaleiro da semana (ou da escola)” um ou mais alunos ficam responsáveis pela distribuição a outros alunos do jornal recebido naquela semana. Eles levam-no para casa, o que estimula a família também ao hábito da leitura.

É a escola que define se o jornal em sala de aula será trabalhado por turmas, por séries ou coletivamente. Ela determina também quais atividades serão priorizadas em detrimento a outras. A escolha varia de acordo com o projeto político pedagógico da escola e com as competências (leitura, escrita, oralidade) que se pretendem desenvolver naqueles discentes.

De acordo com o pedagogo de *O Dia na sala de aula*, Wendel Freire, quando o jornal ocupa diferentes espaços na escola, estando disponível para todas as pessoas dentro ou fora dela, seja através de atividades como o “jornaleiro da semana”, ou mesmo com o trabalho realizado com as crianças e adolescentes em sala de aula, o jornal alcança também as famílias. Desta forma, o ele cumpre parte de seu papel que é ponte entre as pessoas e os fatos que envolvem seu dia-a-dia.

Outra atividade sugerida é que as crianças leiam o jornal e que cada um eleja a matéria que mais lhe chamou atenção. A partir daí, são debatidas as questões apresentadas em cada uma delas. Além disso, os alunos são incentivados a produzir textos coletivos ou individuais.

Para o desenvolvimento da leitura, o programa também propõe que a escola faça uma banca de jornal com os exemplares disponíveis, de modo a estimular um contato incidental com mesmo. Em geral, as escolas expõem os jornais, arrumando-os cronologicamente pendurados em um barbante – é o que eles chamam de linha do tempo. Além do contato incidental, outras atividades podem ser realizadas a partir desta como, por exemplo, a escolha do exemplar a ser levado para casa pelos alunos que o “jornaleiro semana (ou escola)” distribuirá.

No programa trabalha-se com a perspectiva da palavra com sentido e da notícia sem recorte. Segundo a equipe de pedagogos de *O Dia na sala de aula*, a notícia sem recorte

significa que o jornal será trabalhado de forma contextualizada. Ou seja, toda a estrutura será analisada, conforme foi citado anteriormente. Ainda de acordo com a equipe do programa, o desenvolvimento desse trabalho abre espaço à percepção dos alunos de modo que possam compreender o jornal impresso como instrumento de formação e informação, tendo em vista sua ampla circulação, o que em determinados casos pode gerar a desinformação.

Segundo o pedagogo do programa, há três formas de trabalhar com mídia e educação. A primeira é fazendo mídia, ou seja, produzindo jornais impressos, vídeos, programas de rádio e televisão. A segunda é a atualização dos programas curriculares das escolas, através da utilização do jornal como recurso pedagógico. A terceira é mostrar aos alunos os processos de produção midiática permitindo que estes os entendam.

É sob esta última perspectiva que foi criada, em maio de 2005, a visita à redação do jornal *O Dia* como parte do programa *O Dia na sala de aula*. Esta é uma atividade direcionada aos alunos de 5ª à 8ª série, que conhecerão a produção do jornal e uma breve história das mídias, seus desdobramentos no mundo contemporâneo e, por fim, produzem seu próprio jornal. Esta atividade se dá em três momentos descritos a seguir:

O primeiro consiste numa visita à Redação, onde os alunos conhecem o dia-a-dia dos profissionais envolvidos nas diversas fases do processo jornalístico, tomam conhecimento das diferentes fontes de notícias, das diversas editorias do jornal e a rádio. Posteriormente, eles percorrem o parque gráfico e conhecem o desenvolvimento e a operacionalização dos aspectos técnicos e logísticos da impressão e distribuição do jornal.

Depois da visita ao jornal, os alunos recebem, na própria escola, a equipe *O Dia na sala de aula*. Nesse encontro, os educadores que integram a equipe do programa explicam brevemente o conceito de mídia e qual o poder de interferência que ela tem na vida dos indivíduos e da sociedade em geral. Para a equipe, esse tipo de encontro serve para avaliar a eficácia da visita à redação, amadurecendo algumas lições obtidas e propiciando outros debates. A fim de que a visita à redação e ao parque gráfico produza uma aprendizagem efetiva aos estudantes é dado, durante esta etapa, lugar de destaque à voz deles.

No terceiro momento, os alunos, novamente acompanhados da equipe do programa, fazem uma aula-passeio nos arredores da escola e adotam a postura de “repórteres”. Eles devem tomar nota e fotografar tudo que for interessante no meio urbano tanto do ponto-de-vista positivo quanto negativo.

Na volta à sala, os alunos fazem a seleção daquilo que julgam importante, segundo seus próprios critérios, e produzem um jornal. A intenção, neste momento, é de fazer um exercício de protagonismo e de cidadania, estimulando a escrita individual e coletiva. Em

princípio, esta atividade tem por objetivo ampliar a capacidade de leitura do mundo e a melhorar a auto-estima.

Segundo Wendel Freire, essa proposta é inédita em programas de jornal na educação e enriquece de maneira significativa o universo educativo dos estudantes.

Diante dos objetivos expostos acima, é perceptível que este programa de jornal em educação pretende trabalhar através da primeira perspectiva apresentada no capítulo anterior. No entanto, o pedagogo do programa afirma, ainda, que se os professores realizarem atividades que se enquadrem na segunda vertente descrita, este uso também será aceitável, embora façam um algum tipo de controle a fim de que esta não seja a principal prática adotada. As questões referentes ao entendimento dos objetivos do programa e seu cumprimento pelas escolas, serão analisadas no capítulo posterior. Neste também será discutida em que medida os professores utilizam as indicações do material de capacitação elaborado pelo programa, que será analisado a seguir, são seguidas.

3.2.1 Descrição e análise do material de capacitação de educadores

Além dos objetivos explícitos anteriormente, há outras atividades que o programa gostaria de estimular nas escolas com a utilização do jornal em sala de aula. Para tanto, desenvolveu um material didático que é distribuído aos diretores, aos coordenadores e aos professores que participam do programa em cursos de capacitação.

O material em questão apresenta como características subjacentes à proposta principal do projeto, que é a formação continuada de professores da rede pública e a formação de leitores, as possibilidades: do estabelecimento de ensino afirmar seu lugar social trabalhando de forma autônoma; de a escola pública legitimar suas ações, no sentido de uma participação efetiva no que diz respeito à criação de um ambiente que suscite o sentimento de integração entre escola e comunidade; de propor políticas de educativas diferenciadas, que se torne a comunidade local parte das atividades; de propor um ensino interdisciplinar; de racionalizar a gestão de recursos; de contribuir para a participação coletiva.

De acordo com o exposto pelo material, para o desenvolvimento de algumas dessas ações, o jornal na sala de aula pode ou não estar presente. No entanto, o que é perceptível com sua leitura é que as características acima poderão ser efetivamente desenvolvidas na medida em que os profissionais que compõe o ambiente escolar tornem-se críticos do papel da escola

na sociedade e, que uma das ferramentas para tal descoberta seria a utilização do jornal em sala de aula.

Talvez, tal afirmação seja pretensiosa no sentido de que o educador é formado pelas instituições de ensino superior para dar conta de todas essas questões, no entanto, por problemas na formação do corpo docente egresso das faculdades de educação, estas questões não sejam contempladas. Além disso, é importante ressaltar que as leis da educação que norteiam as políticas educacionais do país são ditadas pelos governos federal, estadual e municipal. O jornal pode ser o fator motivador para a implementação de atividades mais autônomas e críticas na escola. Entretanto, deve ser lido e entendido com um produto que é concebido em meio a interesses econômicos, políticos, comerciais, financeiros, entre outros e que vem dotado de certa parcialidade (ainda que o jornalismo contemporâneo preze a neutralidade e imparcialidade diante dos fatos) e legítima, em alguns casos, o ponto de vista da empresa. Portanto, uma leitura ingênua do mesmo não seria suficiente para provocar mudanças efetivas no ensino público nos dias de hoje.

Ainda que seja um material didático fomentador das competências e habilidades que o professor pode vir a desenvolver, ele é dotado de um caráter institucional, que lhe confere uma condição de instrumento de exaltação do jornal O Dia e de sua utilização nas atividades em sala de aula, como se pode ver nos fragmentos a seguir: “O jornal O Dia enriquece todo e qualquer projeto.”, ou então “Propõe-se a ser um instrumento capaz de estimular o diálogo, a reflexão e a ação de intervenção nos processos sociais” (O Dia na sala de aula, 2005, p. 3).

O material pedagógico, oferecidos às professoras das escolas que fazem parte do programa, descreve que o jornal em educação, se usado sistematicamente, pode contribuir para a transformação sociedade, promovendo ações que minimizem as injustiças sociais. Para isso, afirma-se que o contato “permanente com o jornal O Dia” (novamente o enaltecimento do veículo) e a formação de leitores são os elementos que propiciam as mudanças.

Quando a questão são os possíveis obstáculos a serem enfrentados por docentes que queiram utilizar o jornal na sala de aula, o material didático oferece alternativas sobre como se trabalhar com turmas que possuem um número excessivo de alunos, ou mesmo que estes sejam agressivos ou agitados. Segundo o exposto no material, a solução para essas situações seria a execução de atividades de relaxamento, meditação e valorização da fala e da escuta.

No entanto, o grande contraponto do material é quando afirma que:

[...] trazer o jornal para sala de aula requer uma visão ampla de seu uso, do porquê e para que usá-lo, e desenvolver a partir dele atividades que estejam a serviço do projeto político pedagógico da escola [...] Para formar leitores/as,

o/a professor/a tem que ser leitor/as.” (O DIA NA SALA DE AULA, 2005, p. 9).

Diante das possibilidades de uso do jornal em sala de aula, a questão do professor/mediador também é enfocada e sua realização se concretiza na medida em que as etapas dos trabalhos, realizados pelos alunos, vão se sucedendo. Segundo o material didático, uma das maneiras de mediar é disponibilizar para os alunos um roteiro contendo as tarefas a serem realizadas, depois orientá-los em suas idéias individuais e coletivas, na construção de conhecimentos, valores e conceitos. Em paralelo, orienta-se o professor a fim de que este avalie sua prática e a dos estudantes, como pode ser observado no fragmento a seguir:

A autonomia só é alcançada quando o grupo consegue se auto-avaliar e gerir mudanças necessárias para seu crescimento. E isto só é possível se houver constância do trabalho de auto-avaliação e avaliação processual do professor/mediador. [...] O/a professor/a mediador/a motiva seus alunos a pensar e interagir com a realidade. (O DIA NA SALA DE AULA, 2005, p. 15-16).

Há também o incentivo para que os docentes leiam diariamente notícias aos seus alunos de modo que contribuam para debate e discussão de temas abordados em sala de aula. Desta maneira, pretende-se criar formas alternativas de diálogo diferentes daqueles que a escola, como entidade de ensino, sempre construiu e ainda constrói, que é a do professor detentor da verdade. No material elaborado pelo *O Dia na sala de aula*, há uma ênfase às trocas de conhecimento entre professor e aluno. É incentivado que o educador dê espaço para que o aluno se expresse por meio da escrita e da fala. Para possíveis entraves a esse respeito, é indicado que os docentes utilizem mecanismos de desbloqueio como, por exemplo, critérios de apresentação ou disponibilizar um tempo a fim de que os estudantes se organizem e produzam suas reflexões a respeito do assunto em debate. Neste sentido há um estímulo à construção de textos coletivos e, posteriormente, individuais. Este tipo atividade é o que eles chamam de notícia sem recortes

Aos professores é dada a orientação de que é necessário disponibilizar o jornal por inteiro aos alunos de maneira que eles se familiarizem e “para que possam apropriar-se de sua informações, façam suas escolhas, leiam com prazer o assunto que for de seu interesse.” (O DIA NA SALA DE AULA, 2005, p. 23).

3.3 Importância do projeto para O Dia

O Dia na sala de aula tem se apresentado com um projeto sócio-educacional que visa a utilização do jornal como instrumento através do qual pretende-se levar a reflexão crítica dos acontecimentos do dia-a-dia. Segundo o pedagogo do programa, Wendel Freire, o projeto se iniciou através da perspectiva de que o volume de informação atualmente é muito amplo e diversificado, o que gera em determinados casos a desinformação.

Para a equipe do programa *O Dia na sala de aula*, um aspecto importante na utilização do jornal em educação é a possibilidade de torná-lo acessível não somente a alunos e professores, mas também a toda comunidade dentro e fora de sala de aula, como profissionais que desempenham outras atividades dentro da escola, e aos familiares dos alunos.

Outro aspecto importante, na visão da equipe do programa, está refletido no estímulo à leitura e, conseqüentemente, a formação de leitores, uma vez que pessoas que preservam o hábito da leitura desenvolvem habilidades e competências, tais como, maior capacidade de expressão, argumentação, análise, entre outras. Esse conjunto dessas ações, ainda opinião da equipe do programa, possibilita uma intervenção maior na sociedade, além da construção de um sentimento de coletividade que favoreçam ao exercício pleno da cidadania.

O Dia na sala de aula se coloca como sendo um programa que minimize as injustiças sociais, agente de políticas de inclusão onde todos possam desenvolver suas potencialidades com autonomia, criatividade e senso crítico e promotor da leitura e do debate permanente, de modo a favorecer a construção do conhecimento e intervenção na sociedade.

De acordo com o pedagogo do programa, Wendel Freire, e com a ex-coordenadora, Rosangela Tardelli, o favorecimento ao exercício da cidadania acontece a partir de uma efetiva reflexão crítica, que é, sobretudo, propiciada pela leitura em sala de aula de outros veículos de comunicação. No entanto, no material didático analisado no item anterior, há uma breve referência sobre essa possibilidade. A falta de ênfase em relação a este aspecto legitima a voz do jornal *O Dia* como fonte única de informação e objetiva sobre os fatos.

Entretanto, por ser um programa de jornal em educação, que não está vinculado à área de Marketing, *O Dia na sala de aula* se percebe como um incentivador do hábito da leitura.

3.4 Resultados do programa (há uma avaliação para mensurá-los?)

De acordo com a coordenadora geral do IAC, Magda de Almeida, o programa *O Dia na sala de aula* ainda não implantou um sistema eficaz de avaliação para mensurar os

resultados do projeto. A avaliação que se tem hoje, que é primária, é um questionário com perguntas fechadas e com um campo para sugestão, distribuído para os professores que participam do projeto, ao final de cada ano. No entanto, como afirma Magda, o resultado é muito pobre, com apenas 40% de retorno.

Na visão da coordenadora, não há uma participação efetiva e o baixo índice de respostas reflete a falta comprometimento dos participantes com o trabalho em desenvolvimento. Ela afirma ainda que quando se tem essa realidade, em que professores mostram-se desinteressados e descompromissados com a educação e pouco participativos, há uma dificuldade para se obter um tipo de avaliação que responda a todas as indagações do programa.

Para minimizar as adversidades apresentadas acima, *O Dia na sala de aula* pretende implantar, futuramente, uma equipe de avaliação e adotar um sistema com embasamento técnico-científico.

Mesmo com todos os entraves apresentados, é possível analisar as avaliações já realizadas. No evento de encerramento das atividades do programa, dia 7 de dezembro de 2005, 60 professores responderam a 25 perguntas que geraram gráficos comparativos de respostas (ver anexos).

Nas pesquisa, o jornal *O Dia* é apresentado como o jornal mais lido, com 55% dos votos. Quando é analisada a frequência com que lêem jornal, 33% dos entrevistados responderam diariamente.

Quando indagados sobre o que procuram no jornal, mais da metade dos professores (51%) afirmaram buscar temas da atualidade. Em contraposição, apenas 6% dizem buscar o simples prazer da leitura. Esta situação demonstra que o objetivo do programa *O Dia na sala de aula*, que é o hábito da leitura, não está sendo alcançado, em parte, tendo em vista que o prazer da leitura representa um percentual pequeno do universo dos docentes que participaram da avaliação e que só se adquire algum hábito quando ele se configura numa atividade prazerosa. A respeito do hábito da leitura e o prazer de ler nas escolas, Sonia Kramer afirma:

A escola tem a obrigação de assegurar a todos o acesso ao conhecimento e, nesse sentido, garantir condições para a prática reais de leitura e escrita é seu dever. Por outro lado, entendemos que a formação é direito e a conscientização de práticas de leitura/ escrita precisa ser parte da formação de professores. Nesse processo, aprender com a experiência, rever a própria trajetória com leitura e a escrita, reler aquilo que foi escrito cada um de nós – e não só aquilo que aprendemos a escrever e a ler – podem se constituir em ações formadoras de maior importância. (KRAMER, 2002, p. 187)

Quando a questão é presença ostensiva da violência urbana no noticiário, 76% dos professores afirmam que o tema incentiva a discussão sobre a realidade. Além disso, 96% dos entrevistados acham fácil ler jornal, 41% acreditam que sua utilização em sala de aula atualiza os conteúdos, 30% dos docentes dizem que os estudantes ficam mais motivados a participar da aula e 86% consideram o uso do jornal como fator que aumenta a leitura dos alunos.

Sobre as vantagens de se trabalhar em sala de aula, 45% dos professores afirmam que a principal é o incentivo à leitura. 59% dos professores acreditam que o jornal impresso complementa o livro didático. Em relação à utilização do uso o jornal em sala de aula, que é objetivo do projeto, 69% dos professores responderam que ele ajuda na atualização, enquanto 20% não opinaram sobre a questão.

Um dado curioso é que a televisão é apresentada como melhor mídia, com 40% dos votos, mas também é posta como a pior, com 20% dos votos.

Quanto à parte do jornal utilizada em sala de aula, os professores dão preferência, com 44% dos votos, a assuntos de polícia e cidade. É interessante ressaltar que não faz parte das alternativas, editoriais importantes que compõem o noticiário diário de um veículo de comunicação impresso, que é a de política, por exemplo.

De acordo com a avaliação, 67% dos professores se sentem mais aptos para opinar sobre diferentes assuntos.

4. O Dia na sala de aula: A perspectiva das escolas

4.1 Atividades realizadas e a importância do programa para os professores

Para analisar em que medida o programa *O Dia na sala de aula* consegue alcançar seus objetivos, já descritos no capítulo anterior, foram realizadas entrevistas com professores, coordenadores e supervisores pedagógicos de escolas municipais de diferentes regiões do Rio de Janeiro. Duas localizadas no bairro da Tijuca, uma no Rio Comprido e outra na Penha.

A partir do que foi exposto no segundo capítulo sobre as duas vertentes mais comuns para se trabalhar como jornal impresso na sala de aula, pôde-se constatar que a primeira vertente apresentada é o foco do *O Dia na sala de aula*. No entanto, equipe de pedagogos do programa não exclui a segunda possibilidade de uso.

Através das entrevistas realizadas com as professoras da primeira escola visitada no bairro da Tijuca, que há três anos participa do projeto, pôde-se perceber que elas utilizam o jornal impresso, nas atividades que realizam, como um recurso pedagógico sem ter, no entanto, a preocupação de fazer uma leitura crítica com os alunos. Ou seja, o jornal é trabalhado pelos professores desta instituição, predominantemente, na perspectiva da segunda vertente apresentada anteriormente.

Tal premissa pôde ser justificada quando foi perguntado a uma professora, que leciona em uma turma de educação infantil, como ela analisava a inserção do jornal no ambiente escolar, ela respondeu que era importante porque “ampliava o vocabulário, ajudava no reconhecimento das palavras e da sílabas” (PROFESSORA ED.INF, 2005, p.1).

Além disso, ela afirma também que os estudantes aprendem a manusear o jornal (objeto) e têm contato com os diferentes tipos de textos.

Sobre a utilização do material didático, oferecido pelo programa *O Dia na sala de aula*, a professora afirma ora utilizar as atividades por ele propostas, ora não.

Nessa mesma escola, a segunda professora entrevistada, que leciona em uma turma de 3ª série, realiza semanalmente atividades com os estudantes. Em sua visão, ela acredita que a adoção dos programas de jornal em educação pelas escolas e, conseqüentemente, o freqüente contato que os alunos terão com este instrumento, torna-os mais reflexivos e mais aptos à leitura crítica. Quando questionada sobre de que maneira o jornal propicia a leitura crítica ela afirma: “O jornal traz a versão dos fatos, mas nós fazemos os questionamentos. Ou seja, os alunos também se posicionam criticamente.” (PROFESSORA 3ª SÉRIE, 2005, p. 1).

Esta professora também direciona seus alunos a desempenharem atividades de leitura, na qual o reconhecimento de palavras, como os verbos, adjetivos, substantivos, entre outros, sejam o foco. No entanto, o que fica perceptível é que o trabalho desenvolvido não condiz com sua fala a respeito de se formar alunos com consciência crítica. Ou seja, esta professora também incorpora o jornal à sua prática pedagógica conforme o apresentado na segunda vertente das teorias da educomunicação.

A partir do relato dessas professoras, tem-se a impressão equivocada de que, com as atividades desenvolvidas, há de fato uma leitura crítica do jornal, já que fazem a leitura do mesmo, debatem questões atuais, como violência e drogas. No entanto, com a observação do trabalho desenvolvido percebe-se que é a segunda vertente que predomina.

Nesta mesma instituição de ensino, a coordenadora pedagógica adotou *O Dia na sala de aula* para contemplar um dos itens propostos pelo projeto político pedagógico da escola, que é a formação do aluno/leitor/autor. Isto é, propiciar uma formação aos alunos a fim de que estes terminem o ciclo de alfabetização capacitados para a leitura e escrita.

Já na escola também voltada ao ensino da educação infantil até a 4ª série, localizada no bairro do Rio Comprido, que participa do projeto há um ano, a professora da 2ª série realiza, também semanalmente, as seguintes atividades: “notícia nota 10 e notícia nota zero” e “cadernos de memórias”.

Na primeira, os estudantes separados em grupos pela professora, lêem o jornal e, dentro de seus critérios pessoais de escolha, elegem a melhor e a pior notícia daquele exemplar. Em seguida, através de um debate sobre o que estava presente no jornal e sobre leram, a turma indicam, dentre as notícias eleitas pelos grupos, àquelas que se destacaram positiva e negativamente, sendo denominadas, respectivamente, de “notícia nota 10” e “notícia nota zero”. Durante a discussão a respeito de que matéria sugerir, os alunos apresentam à professora seus questionamentos, contestam o que está exposto no jornal e associam com o que viram e ouviram em outros veículos de comunicação. Após a conclusão desta etapa, os alunos são incentivados a produzir coletivamente um texto sobre a “notícia nota 10” para ser registrado em um caderno de memórias.

Essa professora acredita que a importância deste tipo de projeto é o fato de estimular o hábito da leitura entre os estudantes, além de criar um ambiente propício à reflexão e ao debate.

No entanto, nesta mesma escola, a professora de educação física se auto-avalia como usuária do jornal em suas atividades pedagógicas. Porém, ao expor como desempenha seu

trabalho, pôde-se perceber que o jornal não era uma fonte de reflexão crítica, mas um instrumento subsidiário a atividades lúdicas.

A segunda escola localizada no bairro da Tijuca, também voltada ao ensino da educação infantil até a 4ª série, participa do projeto há nove anos. Durante a visita a esta instituição foram entrevistadas a supervisora pedagógica e a professora da sala de leitura, que coordena as atividades do *O Dia na sala de aula* dentro da escola.

A iniciativa de ter uma professora especificamente para coordenar as atividades partiu da própria escola. De acordo com a supervisora pedagógica, esta foi a maneira encontrada para sistematizar as atividades e também incentivar as professoras a trabalharem com o jornal, além de se aperfeiçoarem para desempenhar com mais eficácia as tarefas.

Segundo a supervisora, a escola decidiu implantar *O Dia na sala de aula* como parte das práticas da escola porque seria uma maneira de ajudar na concretização do projeto político pedagógico da instituição, que tem como principal objetivo a formação do aluno/cidadão. O uso do jornal, na visão da supervisora, amplia o horizonte destes estudantes e permite a reflexão sobre o que acontece no cotidiano. A respeito disso, ela relata:

Em nosso projeto político pedagógico (PPP), nós priorizamos a formação do aluno/ cidadão de mundo, que tenha consciência de valores e da atualização de informações e tudo que o cerca. Dentro dos objetivos maiores do PPP, o jornal só vem nos subsidiar porque estamos sempre contextualizando as notícias que estão a nossa volta. Não tem como separar as atividades do programa *O Dia na sala de aula* que visem apoiar os objetivos do PPP e vice-versa. (SUPERVISORA, 2006, p. 1)

Nesta escola todos os professores usam o jornal como parte de sua metodologia. De acordo com a supervisora pedagógica “as quatro de educação física fazem trabalhos com jornal sobre a história do esporte e dos atletas, regras de jogo, valores éticos, condutas no esporte” (SUPERVISORA, 2006, p. 2).

Entretanto, nem a sempre a escola utilizou o jornal da maneira apresentada anteriormente. Segundo a supervisora, assim que a escola ingressou no projeto os trabalhos realizados estavam voltados à segunda possibilidade de uso, que é a leitura não crítica do mesmo. Porém, ela afirma que “já passamos da fase de recortar palavrinhas” (SUPERVISORA, 2006, p. 2). Ela ressalta, ainda, que o incentivo de Rosagenla Tardelli, ex-coordenadora do *O Dia na sala de aula*, para “trabalhar a notícia sem recortes redimensionou as atividades aqui na escola” (SUPERVISORA, 2006, p. 2).

Com a reestruturação das tarefas, o objetivo passou, então, a ser leitura sistemática das matérias nas salas de aula e debate entre os alunos. No entanto, as professoras perceberam que precisam estimular a leitura prazerosa. Para tanto, desenvolveram as seguintes atividades, que estão expostas no material didático elaborado pelo programa:

- Linha do tempo – exposição em ordem cronológica dos exemplares do jornal, recebidos na semana.
- “Jornaleiro do seu turno” – é a atividade chamada “jornaleiro da semana”, que foi renomeada pela escola, pois é realizada diariamente. Para a eleição há todo um processo, no qual os candidatos têm que justificar por escrito por que querem ser o “jornaleiro de seu turno”. Isso é feito porque eles serão os grandes motivadores de leituras para outras crianças. O “jornaleiro de seu turno” entregará aos demais estudantes o exemplar que desejam levar para casa.
- Cartaz com avaliação de notícias – elaboração de um cartaz com diferentes olhares (ícones de carinhas sorrindo, chorando, zangado, etc.) sobre uma determinada notícia. Os alunos têm que lê-la, classificá-la e justificar sua escolha. Com este trabalho, a escola acredita estar formando alunos críticos e opinativos. Toda a escola participa da atividade. O mural é trocado a cada 20 dias. Em 2005, a turma e os alunos que mais participaram, ganharam um prêmio simbólico, que foi a exibição de um filme.
- Leitura sistemática das notícias em sala de aula e debate.

(SUPERVISORA, 2006, p. 3)

Para eficácia das atividades citadas acima, a escola promove trabalhos de capacitação às professoras, inclusive, segundo a supervisora, vivenciam primeiro com os professores várias das atividades que propõe para sala de aula. Um exemplo disso, foi o jornal elaborado pelas docentes da instituição. A respeito dessa tarefa, a supervisora diz que:

Ano passado nós comemoramos o centenário da escola. Então, dividimos as professoras em dois grupos e montamos dois jornais. Um teria que recriar um jornal com o noticiário de cem anos atrás, que incluísse a notícia da inauguração da escola. O outro seria um jornal com notícias atuais, entre elas a comemoração de cem anos da escola. (SUPERVISORA, 2006, p. 3)

No entanto, elaborar um jornal com os alunos ainda não foi possível por “falta de recursos”, como afirma a supervisora, sem descartar a importância de uso do jornal e da possível elaboração: “O uso do jornal reverte em aprendizagem. A criança que lê mais, escreve, argumenta e se expressa melhor. Produzir o jornal na escola seria excelente” (SUPERVISORA, 2006, p. 3).

Quando perguntada sobre a possibilidade de implantação deste tipo de programa nas escolas ser uma estratégia de marketing das empresas jornalísticas para a formação de público leitor, a supervisora respondeu que:

É inevitável que qualquer instituição seja movida por verba. Até pode haver uma intenção por trás desse projeto. Quem é que não quer vender seu produto? Mas acredito que esse departamento, que se dedica às escolas, é bastante comprometido e nos passa a idéia de que o investimento que vem sendo feito não é no leitor que irá comprar o jornal, mas no cidadão do futuro, que pode mudar a sociedade, que pode intervir no futuro. Nesses anos todos, em que pertencemos ao programa, sempre ficou claro em todas as reuniões que qualquer jornal pode ser utilizado. Além de ser motivada a comparação, principalmente, porque cada jornal tem uma intencionalidade. Por isso, nos procuramos fazer leitura da mesma notícia em diferentes jornais para que a criança perceba as diferentes intencionalidades. (SUPERVISORA, 2006, p.4)

Faz parte também dos objetivos da coordenação dessa instituição, estimular o prazer da leitura. Como afirma a supervisora, a atividade do “jornaleiro do seu turno” é uma forma desse hábito se adquirido. Além disso, é também uma tentativa de envolver a família, pois “se as famílias não lêem, não adianta só a professora motivar” (SUPERVISORA, 2006, p.2). Ainda nesta perspectiva, a coordenação da escola faz pesquisas como as famílias dos alunos a fim de investigar o que lêem quando o jornal é levado para casa pelos filhos “senão fica a sub-utilização do jornal, é não é isso que a escola quer” (SUPERVISORA, 2006, p. 2).

Esta escola faz também, semestralmente, pesquisas com os professores para avaliar como as atividades estão sendo realizadas e sua eficácia junto aos alunos. A partir dessas avaliações, a supervisora ressalta que “a importância do projeto reside no fato dele formar estudantes participativos e com consciência crítica” (SUPERVISORA, 2006, p. 3).

Na quarta escola visitada, localizada no bairro da Penha, voltada ao ensino fundamental – 5ª a 8ª série – foi entrevistada uma professora que leciona História para turmas de diferentes séries. Esta professora cursa jornalismo.

Segundo o relato desta professora, antes mesmo de conhecer o programa de jornal em educação *O Dia* na sala de aula, ela já utiliza jornais impressos nas turmas do ensino médio de uma escola estadual no município de Belford Roxo, “mas ainda não tinha trabalhado nas turmas de 5ª a 8ª porque achava que ia ser difícil pelo fato dos alunos serem pequenos” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3). No entanto, quando a escola municipal, localizada no bairro da Penha, ingressou no programa *O Dia na sala de aula*, “eles nos ensinaram que o jornal pode ser utilizado até pela criança que não sabe ler. A partir daí

comecei a utilizar o jornal com as turmas de 5ª a 8ª também” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3).

Apesar de receberem os exemplares com uma semana de atraso, esta professora afirma que não há problema, pois podem “trabalhar desde um assunto específico até algo mais amplo” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3).

Quando perguntada sobre como utiliza o jornal na sala de aula, a professora diz que a primeira tarefa quando a turma não trabalha com este instrumento “é apresentar o jornal a turma, mostrando a estrutura [...] apresento o que era o título, a manchete, a chamada, a lead, as editorias, os cadernos, enfim, tudo que tem no jornal. Eles manuseiam o jornal e escolhem o que mais agradava” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3). Depois que os alunos têm o primeiro contato com o jornal e para as turmas que já participaram de atividades com jornal na escola, de acordo com a professora, a maneira de trabalhar é seguinte:

“[...] separo turma em grupos, organizo a sala, explico como será a atividade que vou realizar, distribuo o jornal e peço para eles fazerem a atividade. Geralmente, eu separo a parte do jornal que eu quero trabalhar, senão eles acabam desviando a atenção para outro assunto. Por exemplo, se não vou falar de esporte, retiro este caderno do jornal que levo para sala.” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3).

Sobre as atividades que desenvolve com seus alunos, esta professora explica:

Peço para que eles construam textos a partir das matérias do jornal. Há algum tempo, decidimos (na escola) que uma das possibilidades de uso do jornal seria a construção de textos, em função dos alunos lerem e escreverem precariamente. Nestas atividades, também estimo a explicação oral do que eles acabaram de ler. Outro exercício que também faço é recortar uma imagem, dependendo do título deixo ou não, e peço para que eles descrevam-na. Às vezes, peço para traçarem um paralelo com o texto que a acompanhava. Estes trabalhos são realizados em pequenos grupos, favorecendo ao debate de idéias e nunca individualmente. (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3-4).

Esta professora afirma, ainda, que leva para atividades com os alunos “outros jornais e revistas para que eles possam comparar as notícias, porque senão eles só terão o jornal O Dia como base” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3). Sobre este aspecto, ela diz que o interesse é indicar “o que há de diferente e igual nas notícias para trabalhar a noção de crítica” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p.3). Segundo a professora a intenção é fazer os alunos

“perceberem a diferença na construção do discurso de uma mesma notícia, que em muitos casos pode ser uma questão de manipulação” (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p. 4).

Quem está fora da sala de aula tem a falsa crença de que os alunos são tolos e não percebem essas questões. Os alunos ainda não têm o hábito da leitura, mas vêem muita TV e têm muita informação de todos os lados. Então, no dia-a-dia, eles acabam percebendo as diferenças de discurso. Mas não sabem explicá-las. Isso é identificado durante a realização do trabalho com jornal. Os alunos sempre falam sobre o que viram ou ouviram em outro meio de comunicação. Talvez, não tenham a malícia para perceber o que há por trás do discurso e quais interesses estão ali representados. No entanto, quando o professor trabalha isso na sala de aula fica claro para o estudante. (PROFESSORA 5ª a 8ª SÉRIE, 2006, p. 4).

A partir dos relatos dos professores, é possível identificar que os que buscam os meios de comunicação como recursos pedagógicos, estão querendo formar cidadãos capazes de fazer uma leitura crítica dos meios a respeito dos fatos cotidianos e da realidade que os cerca. O relato da professora da escola municipal, localizada na Penha, demonstra isso, pois se percebe que o foco de seu trabalho nas atividades com jornal em sala de aula é também voltado para a primeira vertente apresentada anteriormente sobre as possibilidades da educomunicação.

No entanto, alguns professores utilizam os meios sem estar fazendo um trabalho de mediação que proporcione a leitura críticas dos meios.

É importante afirmar que das escolas visitadas somente a do Rio Comprido e na segunda escola da Tijuca todas as professoras usam o jornal na sala. Nas outras duas, nem todos os profissionais recorrem a este instrumento.

As escolas ao ingressarem no programa *O Dia na sala de aula* querem melhorar, em termos qualitativos, a formação de seus alunos. Por isso, acreditam que ao participar de um projeto de jornal em educação poderão “saldar as dívidas do passado” (Tedesco *apud* Martín-Barbero, 2004, p. 334). Pelos objetivos que são expostos pelos coordenadores do programa *O Dia na sala de aula*, um deles é a utilização do jornal a fim de que os alunos tenham um papel ativo e leiam e interpretem criticamente os fatos expostos no jornal.

Para evitar casos como os descritos, em que professores acreditam estar de fato fazendo uma mediação entre os veículos de comunicação e os alunos, propiciando a leitura crítica dos meios, a ex-coordenadora do programa, Rosangela Tardelli, acompanhava mensalmente as escolas participantes a fim de observar, identificar de que maneira estavam sendo implementadas as atividades com o jornal a fim de norteá-las para que fossem

realizadas na primeira acepção apresentada no segundo capítulo. Pois, acreditava que essa era o principal aspecto de desenvolvimento de trabalhos desta natureza.

Hoje, a atual equipe de pedagogos do programa ainda acompanha regularmente as escolas que fazem parte do projeto, no entanto, não há uma preocupação efetiva de nortear para a leitura crítica, já que avalia a segunda possibilidade de uso como uma das possíveis formas de se usar jornal. Ou seja, qualquer utilização do jornal é válida independente de como ela seja realizada.

A utilização do jornal em sala de aula apenas como um recurso pedagógico sem leitura crítica dos meios deve-se em grande parte ao despreparo dos profissionais na inter-relação entre Educação e Comunicação. A escola ainda é uma instituição predominantemente tradicional que não muda a sua visão de mundo em relação ao ato pedagógico. Por outro lado, é importante ressaltar que as instituições que formam estes profissionais ainda não mudaram seus paradigmas também. O que se tem hoje são iniciativas isoladas tanto dos profissionais da educação quanto da comunicação na busca de interseção entre estes dois campos.

No capítulo seguinte será tratada a questão da mediação como um fator fundamental para que a utilização do jornal em sala de aula permita que o aluno compreenda a dinâmica de produção dos meios de comunicação, qual a lógica que o rege, para tornar-se um leitor crítico, entendendo que a mídia não traduz a verdade absoluta.

5 Análise

5.1 Uma questão de mediação

A escola enfrenta problemas crônicos que, às vezes, não são percebidos pela equipe que a compõe. Como afirma Sonia Kramer (2002), a implantação de um projeto político pedagógico, na verdade, tê-lo e cumpri-lo, torna-se um diferencial nas práticas escolares e é também o elemento que dá a condutividade do trabalho escolar.

Sob esta perspectiva é que o jornal em educação é adotado. Na maioria das escolas, seu uso está associado às propostas apresentadas pelo projeto político pedagógico e agregam valor às práticas educativas. A sistematização de atividades com jornal, em alguns casos, permite que a escola reflita sobre como utilizá-lo, não sendo apenas um material pedagógico complementar, mas como instrumento de informação. Porém, ainda há problemas quanto a esta segunda utilização, dado que a construção da notícia é parte de jogos de interesse e de poder. É nesse sentido, que Orlando Miranda explica que a construção da notícia atende aos interesses da empresa de comunicação, que em geral são interesses de ordem comercial, partidário, entre outras. Ele explica ainda, no entanto, que “é no jornal-empresa que os vínculos partidários e os jogos de interesse tendem a apresentar-se com menos nitidez, com maior ênfase na manipulação intencional ou não dos leitores.” (MIRANDA, 1978, p. 82).

A notícia não pode ser vista de forma ingênua por esses educadores. Mas algumas escolas não estão aptas a entender estes mecanismos e precisam de acompanhamento para compreender a dinâmica da produção do jornal e trabalhar melhor esta questão. A visão inocente dos diferentes meios e veículos de comunicação implica na aceitação de seus discursos enunciativos como fonte de objetiva de informação e de verdade, legitimando valores e interesses acerca da notícia ou de determinado assunto. Por entendê-lo como legítimo há sua reprodução incondicional.

Como diz Ana Paula Ribeiro: “Os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade.” (RIBEIRO, 2000, p. 33).

Ribeiro afirma, ainda, que:

No jornalismo não costuma haver deformação ou mentira em relação aos fatos concretos. Geralmente, nomes, datas e acontecimentos não são criados ou

inventados, mas possuem uma realidade palpável que pode ser corroborada por uma comparação entre diferentes jornais: certamente todos trazem mais ou menos as mesmas informações. Mas, apesar de eles remeterem aos mesmos fatos concretos, constroem universos de entendimento diversos. (RIBEIRO, 2000, p. 35)

A partir das entrevistas realizadas com professores de diferentes escolas do município do Rio de Janeiro que fazem parte do programa *O Dia sala de aula*, ficou perceptível que a capacitação dos educadores para uma atuação mediadora é essencial. As escolas que participam do projeto há mais tempo, estão mais preparadas para trabalhar com os meios de comunicação nas salas de aula e fazer esta mediação. Já as que ingressaram recentemente, ainda apresentam dificuldades em relação à sua utilização, restringindo sua atuação ao uso do jornal como um livro didático. É importante ressaltar também, o que recente ingresso no programa não é o fator determinante para o professor ter uma ação mediadora. No exemplo da professora que leciona na escola da Penha, ela possui uma formação acadêmica, até por ser também aluna de jornalismo, que permite mediar a relação entre os alunos e o jornal impresso.

A mediação crítica é o elemento potencializador das relações educacionais. Pois é a através dela que o professor consegue em maior medida desenvolver atividades com o jornal que permitam aos alunos o questionamento e a reflexão sobre os meios e sobre os assuntos neles veiculados.

Não são raros os casos em que os professores não estão preparados para a nova tarefa de educar com os meios de comunicação. Entretanto, a inaptidão dos professores é alheia à sua vontade. Ela está ligada mais diretamente à precária formação que recebem ao longo do curso universitário e da própria formação de vida, além da pouca possibilidade de uma formação continuada, seja ela por falta de tempo, já que trabalham, às vezes, em duas ou mais escolas para garantirem sua sobrevivência.

A preocupação com a inserção da mídia nas escolas de ensino fundamental e médio é um assunto recente, e as universidades e faculdades que formam os docentes, ainda não dão conta desta especificidade. Entretanto, a partir do final da década de 90, o Ministério da Educação (MEC) criou normas para o ensino, nas quais os meios de comunicação tornam-se ferramentas para novas práticas pedagógicas, como explica Ismar Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo:

O MEC divulgou neste ano ‘O Novo Ensino Médio’, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação em junho. Com as novas normas, o tema da inter-relação comunicação/ tecnologias /educação acaba de ser legitimado [...] Ao propor as ‘diretrizes para uma pedagogia de qualidade’, o documento recomenda a elaboração de um currículo voltado para a aquisição de ‘competências básicas’, o que nada em tem a ver como ensino enciclopedista e academicista dos atuais currículos do ensino médio, reféns do vestibular. (SOARES, 2005, p. 1)

O jornal é visto por grande parte dos educadores como objeto impresso para ser utilizado a semelhança do livro didático. O caráter meramente pedagógico do uso jornal em sala de aula não se encerra na sua principal nem única possibilidade. Utilizar o jornal em educação requer uma visão do todo, globalizada sobre as suas infinitas possibilidades. Ainda que as professoras reconheçam que o jornal é um meio de comunicação e que atende a determinados valores, elas utilizam-no como um livro didático, ou como complementação a este.

O teórico da comunicação, Jesús Martín-Barbero, afirma em seu texto *Ofício de Cartógrafo*, que persiste atualmente um “modelo de comunicação pedagógica” que “não só segue vivo hoje como se reforça ao colocar na defensiva defasando-se aceleradamente dos processos de comunicação que hoje dinamizam a sociedade.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 337).

Através da premissa acima o autor quer dizer que a escola com este “modelo unidirecional” (MARTÍN-BARBERO, 2004) acaba reforçando a lógica da recepção passiva através da leitura acrítica dos livros. Fazendo a interligação desta premissa com o trabalho de jornal em educação desenvolvidos pelas escolas, se não houver uma preocupação em fugir dos moldes tradicionais, haverá uma leitura passiva do jornal assim como há com os livros.

Sobre a relação da escola e dos meios de comunicação, Martín-Barbero ressalta ainda que:

[...]a última fica quase sempre reduzida a sua dimensão instrumental, quer dizer, ao uso das mídias, e assim se deixa de fora do debate justamente aquilo que seria estratégico pensar: a inserção da educação no complexos processos de comunicação da sociedade atual ou, dito de outra forma, no *ecossistema comunicativo* (grifo do autor) que constitui o *entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos* (grifo do autor). (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 339-340)

Na visão de Martín-Barbero, são nos ecossistemas educativos que surgem “*outra cultura* (grifo do autor), outro modo de ver, de ler, de pensar e de aprender”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 341)

Através do estudo de caso sobre *O Dia na sala de aula* foi possível perceber, que o acompanhamento feito pela equipe do programa, em alguns casos, não propicia o esclarecimento necessário para que as professoras não utilizem o jornal como um livro didático. Principalmente, porque para atual equipe do programa esta é também uma possibilidade de uso do jornal equivalente a outras maneiras. No entanto, é importante ressaltar que *O Dia na sala de aula* oferece oficinas e seminários para as escolas que se auto-avaliam com dificuldade para desenvolver atividades com o jornal impresso com os seus estudantes.

Ao fazerem essa solicitação, as escolas recebem o acompanhamento do jornal e têm a possibilidade de melhorar em termos qualitativos as atividades desempenhadas, como foi o caso da segunda escola visitada na Tijuca, analisada no capítulo anterior. Entretanto, o caso dessa escola constitui uma situação bastante específica. Além do acompanhamento padrão, a escola contou também com a ex-coordenadora do programa, que fiscalizava as ações e analisava o andamento das atividades.

6 Conclusão

A inter-relação entre os campos da Comunicação e da Educação vem se tornando um novo campo de investigação: a educomunicação. Para teóricos desse campo, seu surgimento se justifica não só porque os avanços dos meios eletrônicos permitiram sua massiva presença na vida da sociedade contemporânea, mas também porque a educação tradicional já não tem dado conta por completo de questões atuais como esta.

As formas de adquirir conhecimento estão mudando, assim como a forma de transmiti-los. Nesse sentido, a educomunicação pode ser entendida como um novo campo de intervenção social, em que o professor deve ser acima de tudo um mediador e o aluno não deve ser um mero receptor passivo deste processo, pois é capaz de criar, interagir e interpretar. Nessa prática pedagógica, os meios de comunicação, ao invés de adversários, são utilizados como ferramenta central de produção de conhecimento crítico.

O objetivo da educomunicação não é fazer com que os atuais meios de comunicação tenham uma programação de qualidade, e sim que a mediação dos agentes envolvidos nestes trabalhos proporcione os subsídios necessários para a recepção crítica dos meios. A revolução tecnológica dos meios em si não é suficiente para esta reflexão. É a mediação de professores e educadores que ajudarão na eficácia das práticas pedagógicas associadas utilização da mídia. Para tanto o professor deve ser também um leitor, sobretudo, um leitor crítico. Porque não há como incentivar ou motivar o hábito da leitura sem ser leitor. O programa ainda não implementou um sistema eficaz de avaliação para mensurar os resultados alcançados. Entretanto, a partir de avaliações primárias, obtiveram respostas que demonstram que o hábito de leitura do jornal entre os professores que participam do programa é pequeno, pois apenas 33% dos entrevistados responderam ler diariamente algum jornal.

Segundo o objetivo explicitado pelos coordenadores do programa *O Dia na sala de aula*, a utilização do jornal em sala de aula tem uma dupla função, pois deve servir tanto para a formação continuada de profissionais de educação quanto para que os alunos tenham um papel ativo e leiam e interpretem criticamente os fatos expostos no jornal e o modo como eles foram registrados.

Através das entrevistas com professoras das escolas que participam do programa *O Dia na sala de aula*, percebe-se que projetos de jornais em educação são recebidos com simpatia tanto pelo corpo docente quanto pelo discente. Entretanto, em algumas escolas foi possível constatar, sobre a utilização do jornal em sala de aula, que a percepção das mesmas em relação à prática, está associada ao uso do jornal como instrumento pedagógico utilizado

para o aprendizado dos conteúdos escolares, como por exemplo, a realização de atividades para identificação de letras, reconhecimento de palavras e aprendizado dos conteúdos disciplinares de maneira isolada. Esta maneira de usar o jornal no ambiente escolar está desvinculada do seu compromisso informativo, pois utilizam o jornal como um livro didático, ou como complementação a este, e não como um meio de comunicação que traz informação.

Por outro lado, outras professoras, entretanto, entendem que o trabalho com o jornal deve levar em consideração o pressuposto de que ele é um meio de comunicação e que atende a determinados interesses. Por isso, fazem uso deste instrumento através de uma outra possibilidade de uso, que foi apresentada anteriormente como principal, que é o incentivo à leitura crítica dos meios de comunicação. Nessa perspectiva, o jornal é apresentado como um veículo responsável por transmitir informação.

A constatação sobre o predomínio do uso jornal como livro didático ou como elemento de complementação a este deve-se, em parte, a orientação dada pela equipe do projeto que entende que esta é também uma das possibilidades de seu uso.

Neste sentido, a orientação é fundamental para dar forma às atividades e para alcançar os objetivos a que se pretende atingir. A escola que contou com o apoio da ex-coordenadora do programa, no processo de desenvolvimento das práticas pedagógicas aliadas aos meios de comunicação, conseguiu redimensionar as atividades e sistematizá-las de modo que o jornal fosse utilizado sob a perspectiva da leitura crítica.

Talvez, se as outras escolas também contassem com um incentivo desta natureza, poderiam estabelecer novas maneiras de se trabalhar com o jornal em sala de aula, adequando se uso a uma atividade crítica.

Há que se destacar, também, comportamentos isolados de professores, que mesmo sem um incentivo efetivo da escola e do próprio programa, pôde desenvolver um trabalho de leitura crítica do jornal com os alunos, como pôde ser observado no caso da professora que leciona na escola municipal, localizada na Penha.

A utilização do jornal em sala de aula apenas como um recurso pedagógico deve-se em grande parte ao despreparo dos profissionais na ligação entre a escola e os meios. O que se tem hoje são iniciativas isoladas tanto dos profissionais da educação quanto da comunicação na busca de interseção entres estes dois campos. O jornal em sala de aula não deve ser utilizado apenas como um recurso pedagógico para ensinar os conteúdos, mas sim permitir que o aluno compreenda a dinâmica de produção dos meios de comunicação, qual a lógica que o rege, para tornar-se um leitor crítico, entendendo que a mídia não traduz a verdade absoluta.

Em parte a visão ingênua dos educadores a respeito dos meios de comunicação pode ser atribuída a sua formação profissional, já que os cursos universitários que formam estes profissionais, talvez, ainda não tenham se dado conta desta especificidade, que é a inserção dos meios de comunicação no ambiente escolar. Principalmente, por estarem presentes diariamente, já fazem parte da vida dos indivíduos.

Os laços entre a Comunicação e a Educação se estreitam cada vez mais porque o paradigma da transmissão do conhecimento está mudando. Há diferentes perspectivas para se trabalhar com os meios de comunicação no ambiente escolar. No entanto, há um longo caminho a se percorrer sobre a convergência destes dois campos de saber, que é a Comunicação e a Educação.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo, Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p. 287-295.

AIDAR, Flávia. O jornal como Instrumento Pedagógico. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 123-126, jan./abr. 1995.

ALMEIDA, Magda. **O Dia na sala de aula**. Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 25 abr. 2006. 2p.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/>>. Acesso em: 10 out. 2005, 15:40.

BACCEGA, Maria Aparecida. Da comunicação à comunicação/ educação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 21, p. 07-16, maio/ago. 2001.

BARCELOS, Renata da Silva de. **O jornal na Sala de Aula**. Secretaria de Estado de Educação. 2005. 28p.

BARROS, Miriam de Rocha. Jornal como proposta de educação para cidadania. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, n.19, p. 100-102, set./dez. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro091.pdf> > Acesso em: 27 de mai. 2006a, às 11:10.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais Curriculares**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/introd1.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2006b, às 11:20.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2006c, às 11:40.

CERTEAU, Michel de. **Ler: uma operação de caça**. In: A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 259-273.

COORDENADORA PEDAGÓGICA. Primeira Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 9 nov. 2005.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicador é preciso**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/7.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2005, 16:20. 8p.

COSTA, Rosa Maria C. D.; GOMES, Lisandra Ogg. A comunicação-educação nas práticas escolares: análise da influência da indústria cultural na educação infantil. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom [Trabalhos Apresentados] Rio de Janeiro, 2005.

DARNTON, Robert. **Jornalismo**: toda notícia que couber, a gente pública. In: O beijo de Lamourett – mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990. p.70- 97.

ECO, Umberto. **Guerrilha Semiológica**. In: Viagem na Irrealidade Cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 165-175p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 184p.

FREIRE, Wendel. **O Dia na sala de aula**. Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 17 out. 2005.

GARCIA, Edson Gabriel. **Comunicação e Educação**: Campos e Relações Interdisciplinares. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/21.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2006, 15:00. 14p.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em: 26 mai. 2006, 13:40.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005, 18:16. 15p.

LAZARSFELD, Paul F.; MERTON, Robert K. **Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada**. In: LIMA, L.C. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 230-253

LEITORES E LEITURAS. **Os programas de jornal na educação Brasileiros**: um diagnóstico. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>>. Acesso em: 6 out. 2005, 10:55. 42 p.

LOZZA, Carmen. **Quem lê jornal sabe mais**: Texto do Professor. Rio de Janeiro, 2004. il. col.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo** – Travessias latino-americanas de comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004. 478 p. (Coleção comunicação Contemporânea, 3).

_____. **América Latina e os anos recentes**: o estudo da recepção em comunicação social. In: Sujeito, o lado oculto do receptor. Organização: Mauro Wilson de Souza. Tradução e transcrição Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 39-68.

METTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 227 p.

MIRANDA, Orlando. **Indústria Cultural**: a mensagem de duas cabeças. In: Tio patinhas e os mitos de comunicação. São Paulo: Summus, 1978. p.81-113.

O DIA NA SALA DE AULA. Palavra com sentido. Notícia sem recorte. (Material didático elaborado aos professores). Rio de Janeiro, 2005, p. 51.

PROFESSORA DA SALA DE LEITURA. Segunda Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca. Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 8 mai. 2006.

PROFESSORA EDUCAÇÃO INFANTIL. Primeira Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 9 nov. 2005.

PROFESSORA 2ª SÉRIE. Escola Municipal, localizada no Rio Comprido. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 22 nov. 2005.

PROFESSORA 3ª SÉRIE. Escola Municipal, localizada no Rio Comprido. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 22 nov. 2005.

PROFESSORA 3ª SÉRIE. Primeira Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca. Rio de Janeiro, 2005. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 9 nov. 2005.

PROFESSORA 5ª A 8ª SÉRIE. Escola Municipal, localizada na Penha. Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 2 mai. 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. **Revista Lugar Comum**. Rio de Janeiro, n. 11, p. 25 – 44, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação e Ensino Médio**. Disponível em:
<<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/19.pdf>>. Acesso em: 20 set 2005, 11:35. 3p.

_____. Ismar de Oliveira. **Ecossistemas Comunicativos**. Disponível em:
<<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2006a, 17:49. 1p.

_____. **Uma educomunicação para a cidadania** Disponível em:
<<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2005a, 17:50. p. 14.

SUPERVISORA PEDAGÓGICA. Segunda Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca.
Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 8 mai. 2006.

TARDELLI, Rosângela. Rio de Janeiro, 2006. Entrevista concedida a V.S.S. Valle 28 abr.
2006.

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA I

Entrevista realizada, em 25 de abril de 2006, com Magda de Almeida, coordenadora executiva do Instituto Ary Carvalho, que desenvolve o programa O Dia na sala de aula.

1 - Quais são os objetivos do projeto?

Contribuir para a formação continuada de professores da rede pública de ensino afim de que possam atuar de forma autônoma e crítica na busca de informação e na integração dos meios de comunicação nas práticas pedagógicas, visando ao ensino com maior qualidade. O índice de leitura é baixíssimo não só entre professores e alunos das escolas de ensino fundamental e médio, como também entre os estudantes universitários. Eles usam com justificativa a falta de grana, de tempo e de estímulo. Cada um desses itens tem seu peso, isso não resta a menor dúvida. Nós, que trabalhamos o dia inteiro, sabemos que nem sempre temos tempo para ler todos os livros, as revistas e os jornais que gostaríamos. Mas ler é fundamental para se manter informado. Grande parte das pautas que nós trabalhamos (seminários, eventos, palestras) aqui no Instituto (dos outros projetos) são proporcionadas pelas minhas leituras.

2- Existe defasagem na formação de professores por parte das universidades hoje?

Com certeza. Uma coisa é o discurso dos governantes, é nós sabemos o que está por trás dele, outra coisa é prática nos estabelecimentos de ensino.

Um exemplo, dentro do Rio de Janeiro, hoje, são as escolas públicas. Nós podemos perceber diferenças entres escolas de bairros diferentes, como por exemplo, zona norte e zona sul. Isso acontece porque as demandas são diferentes. Os alunos das escolas públicas da zona sul são mais bem informados porque têm mais acesso às informações que os de Vigário Geral, por exemplo.

Essas diferenças também são perceptíveis nas escolas que não estão preparadas lidar com essas questões nem os professores. O ensino ainda é muito “engessado”, formal. As pessoas que fazem as leis da educação não percebem que existem diferenças regionais. Então as leis acabam sendo as mesmas para todos.

3- Quais são os desafios?

Mudar os hábitos de professores e alunos em relação à leitura. E também mostrar ao professor as mazelas do ensino público e dizer que é possível fazer diferente. Mas essa tarefa não é fácil. A escola, os diretores e professores têm resistência a pessoas de fora. Elas não mudam seu sistema, mas também não deixam ninguém mudar. A educação é fundamental. É o pano de fundo para tudo.

4- Após de tantos anos de projeto, como vocês o avaliam?

Ao final de cada encontro, distribuimos aos professores participantes um questionário com perguntas básicas e com um campo para sugestão. No entanto, o retorno desta avaliação, que é primária, é muito pobre. Apenas 40% respondem. Falta comprometimento por parte dos participantes com as respostas a serem dadas. Não há uma participação de fato.

Nós estamos querendo montar uma equipe de avaliação, mas não é uma tarefa fácil, pois demanda recursos. E não é possível montar um sistema eficaz de avaliação sem embasamento técnico-científico.

Quando nós temos essa realidade que são professores desinteressados e descompromissados com a educação e pouco participativos, é muito difícil conseguir uma avaliação que responda a todas as suas indagações.

No sudeste do país, ao contrário do que se vê no sul, os projetos avançam lentamente ou não avançam. Além disso, percebemos que o sistema escolar e os professores estão mais integrados com os programas de jornal em educação. Há um comprometimento maior.

No meu critério, os professores do Rio de Janeiro não vêem o jornal como parceiro. Outro dado importante é o fato da própria Secretaria Municipal de Educação (SME) não apoiar as atividades com jornal. A SME unificou o calendário de centro de estudos das escolas da rede. Além disso, o horário passou de integral para parcial. Isso impede que o raio de atuação do *O Dia na sala de aula* se amplie. Antigamente, tínhamos mais condições fazer mais visitas a um número maior de escolas. Agora com esta questão do calendário único e do horário fica mais difícil, uma vez que nós marcamos nossas atividades nessas datas.

No centro de estudos os professores, coordenadores e diretores resolvem as questões pertinentes à escola, além disso, é também um momento onde podem estudar e aprender mais sobre algum assunto, por isso, realizamos nossas atividades nesses dias. Porém com a redução do horário temos cerca de uma hora e meia para fazer nossas oficinas, seminários e palestras.

Um fator negativo é o professor da sala de leitura também ser professor regente e é geralmente este professor que fica responsável pelo *O Dia na sala de aula* nas escolas. Como ele vai poder se dedicar ao projeto se ele também tem de lecionar?

Existem professores compromissados no projeto, mas que ficam impossibilitados de fazer um excelente trabalho em função do calendário que a própria SME determina.

Outro fator que atrapalha o desenvolvimento do programa é a falta de segurança na cidade, que influencia na mobilidade do professor para participar de atividades fora da escola como o acesso do jornal as escolas localizadas em áreas de risco.

5- Você acredita que a implantação deste tipo de programa nas escolas pode ser uma estratégia de marketing dessas empresas para a formação de público leitor?

Este, talvez, seja o único projeto do Brasil que não está ligado à área de marketing. Isso eu fiz questão desde o início de sua implantação e contei com o apoio da Presidência do O Dia.

O risco que você de transformar um projeto que social, na sua essência, em uma equivocada política de alavancamento de vendas é muito grave. Até porque não alavanca vendas. Pode haver um aumento de vendas pontual em função do lançamento de um dicionário, uma enciclopédia, etc. Quando termina a promoção, as vendas caem novamente. O que alavanca venda é conteúdo.

Esses projetos não podem e não devem ser feitos com propósito “marqueteiro”. Porque o que Brasil vem presenciando nos últimos anos já mostrou o que é ser “marqueteiro” e o que é uma política de marketing.

O Programa para dar certo não pode estar vinculado ao comercial.

Esse tipo de programa agrega valor à empresa. O consumidor mais esclarecido prefere as empresas com responsabilidade social.

ANEXO B – ENTREVISTA II

Entrevista realizada, em 28 de abril de 2006, com Rosangela Tardelli, ex-coordenadora do programa *O Dia na sala de aula*.

1- Como ingressou no O Dia na sala de aula?

Eu tinha o desejo de alfabetizar jovens e adultos. Acreditava que o jornal seria um instrumento importante nesta luta. Foi quando me dirigi ao Instituto Ary Carvalho e apresentei meu projeto a coordenadora do mesmo, Magda de Almeida, que o abraçou. A partir daí a idéia do projeto se ampliou para algo maior, que era inseri-lo nas escolas da rede pública do Rio de Janeiro.

2- Qual foi o motivo do seu desligamento do programa?

O espaço dentro do projeto estava ficando pequeno para tudo aquilo que eu gostaria de realizar, como palestras, seminários, oficinas. Além disso, havia uma divergência entre mim e outro educador do grupo a respeito do que é educação e do que é o ato de educar.

3- como foi o início do trabalho?

No início é sempre muito complicado. As escolas não conheciam ainda nosso trabalho. Para trabalhar com jornal em sala de aula é preciso ter confiança na nossa equipe. Mas aos poucos essa confiança foi conquistada.

4- As escolas recebem bem o programa?

Algumas direções não abraçavam o projeto. Mas nós fazíamos trabalhos para motivá-las. Existe no ambiente escolar a cultura da não leitura. O que tentávamos sempre era quebrar esta barreira, estimulando a através de atividades prazerosas.

5- Como você vê o uso do jornal na sala de aula?

O jornal é um instrumento muito rico para ser adotado nas práticas pedagógicas. Mas o professor precisa ter uma postura mediadora. É isso que abre as portas para o diálogo. Não adianta ficar utilizando o jornal como um livro didático. O jornal precisa ser utilizado analiticamente. Eu incentivava as professoras a fazer este tipo de trabalho com os alunos. Para isso, visitava regularmente as escolas e observava como estavam sendo desenvolvidas as atividades com o jornal.

6- Quando era coordenadora do O Dia na sala de aula você estimulava o uso de outros jornais em sala de aula?

Sim. Não só de jornais como revistas também. Dessa forma, o trabalho fica mais crítico e podemos achar soluções para os problemas que nossa sociedade vive hoje.

7- Como os alunos vêem o trabalho com o jornal?

Eles reagem muito bem. Inclusive, este tipo de trabalho melhora a auto-estima deles.

8- Você acredita que a implantação deste tipo de programa nas escolas pode ser uma estratégia de marketing dessas empresas para a formação de público leitor?

Mas é. Seria uma hipocrisia negar isso. No entanto, se for trabalho de forma ética e não interferir na qualidade das atividades, não há problema algum.

ANEXO C – ENTREVISTA III

Entrevista realizada, em 25 de abril de 2006, com Wendel Freire, pedagogo do programa *O Dia na sala de aula*.

1- A utilização do jornal em sala de aula é uma possibilidade de debater o papel da mídia?

É uma das possibilidades. Pois mostraria as nocividades da mídia, as angústias que ela provoca, as confusões que ela suscita. Porém a mídia não é só isso. Ela não tem só o lado negativo. Quando você pega a mídia para explorá-la como instrumento pedagógico podem ser feitos excelentes trabalhos. A partir daí dá para perceber que não dá ficar preso ao maniqueísmo. Na mídia não tem o bem e mal. Depende do uso, depende do olhar.

2- Utilizar o jornal como recurso pedagógico a semelhança do livro seria um mau uso do jornal em sala de aula?

De maneira alguma. Não é um mau uso, é apenas uma opção. Embora não seja um uso completo, sendo explorado de uma forma mais rica. O jornal é um recurso auxiliar ao livro em sala de aula. Ele não substitui o livro, nem é essa nossa intenção. Outros projetos de jornal em educação alegam ser ultrapassado este tipo de uso, mas não é.

O jornal é multidisciplinar. O professor pode pagar um tema que seja transversal e trabalhá-los em todas as disciplinas. Porque nele você tem diversas linguagens juntas.

3- Você acredita que a implantação deste tipo de programa nas escolas pode ser uma estratégia de marketing dessas empresas para a formação de público leitor?

Não é meta do programa *O Dia na sala de aula*. A nossa proposta não é alavancar vendas. Mas outros programas de jornal em educação estão diretamente ligados à área de marketing do jornal. Inclusive, na nossa apostila de capacitação de professores nós enfatizamos que o leitor para tornar-se crítico deve ler diferentes jornais e revistas.

Se o aumento na venda acontecer, é porque o trabalho desenvolvido foi interessante e despertou o hábito da leitura.

Até porque, se é um programa sócio-pedagógico, ele perderia essa característica se estivesse ligado à área de marketing.

ANEXO D – ENTREVISTA IV

Entrevista realizada, em 8 de novembro de 2005, com Professora Educação Infantil, da Primeira Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca.

1- A escola recebe os jornais com que frequência?

Semanalmente.

2- Como você analisa a presença do jornal no ambiente escolar?

A utilização do jornal em sala de aula é muito boa porque amplia o vocabulário, reconhecimento das sílabas, ensina a manusear o jornal. Além disso, os alunos aprendem para que serve as diferentes partes do mesmo e seus diferentes tipos de texto. O contato com a informação é muito importante.

3- É possível observar alguma diferença nas aulas com e sem a presença do jornal?

As aulas em que são feitos trabalhos com jornal são muito mais dinâmicas. Uma atividade muito enriquecedora que os alunos fazem é a leitura daquilo que é positivo e negativo no noticiário, abrindo espaço para abordar assuntos como violência, drogas e todos os outros fatos que estão diariamente nos jornais. Outro dia nós fizemos uma atividade na qual eles tinham recortar do jornal o que legal e o que não era legal e explicar para a turma porque era ou não um fato legal. Às vezes, eles pedem para levar o jornal excedente para casa e geralmente trazem-no depois com recorte de alguma notícia interessante. Levar o jornal para casa estimula a leitura da família também.

Para a classe de alfabetização, a utilização do jornal foi importante porque quando as crianças levavam o jornal para casa para fazer buscar algum texto que elas já saibam ler ou mesmo que os pais ajudem, é importante porque estimula a leitura da família e faz com ela participe da vida do aluno.

4- Como os alunos reagem à inserção do jornal?

A reação dos alunos é sempre muito em relação à utilização do jornal. Em geral, eles querem ler o jornal, querem levar para casa.

5- O programa O Dia na sala sugere uma série de atividades para serem realizadas, você como professora que utiliza o programa segue as atividades? Algumas atividades são realizadas, sim. Outras, não. Eu pedi para os alunos da classe de alfabetização para levarem o jornal para casa e procurarem textos que eles já soubessem ler. Isso, de alguma forma, estimula a leitura da família, porque geralmente os pais ajudam a criança na realização da tarefa. Por outro lado, é bom também porque a família passa a participar mais da vida escolar do aluno, em muitos casos isso não acontece.

6- Você realiza todas as atividades sugeridas pelo programa?

Nós fazemos algumas. O material dá um apoio para nós professores porque tem dicas. Em 2004, com outra turma, nós fomos à redação do jornal O Dia. Como os alunos eram maiores, a participação foi muito maior. O jornal trouxe muita riqueza para sala de aula.

7- Você conhece outro programa de jornal em educação?

Não.

8- Depois da visita, os alunos tiveram outro olhar sobre o jornal?

Sim, inclusive fizeram um jornal na turma. (fizeram notícias, manchetes). Teve um acidente em Madri e os alunos ficaram interessados em fazer trabalhos sobre o assunto.

O profissional que está com esta disposição para trabalhar com o material, tem que ter idéias, senão nada flui.

A disponibilidade para fazer o trabalho com jornal é importante, pois mexe com questões sociais.

9-A realidade dessas crianças será modificada com inserção do jornal na sala de aula?

Certamente. Tudo é questão de saber optar. Você não pode dizer ao aluno o que ele tem que fazer. É ele quem vai optar. É ele que vai abrir seu próprio universo.

10-É uma estratégia de marketing do jornal para formação de público leitor?

Acredito que possa ser sim e que até aumente o público leitor, no entanto, quem tem o hábito da leitura continuará com ele.

Acredito que seja sim, mas a pessoa será consumidora do O Dia e de outros jornais também.

11-Quando você trabalha o jornal com as crianças, você acredita que o que está escrito traduz a verdade absoluta ou não?

Cada um tem sua própria opinião. Até em fatos do dia-a-dia, podemos perceber isso.

ANEXO E – ENTREVISTA V

Entrevista realizada, em 8 de novembro de 2005, com Professora da 3ª série, da Primeira Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca.

1-Como você analisa a presença do jornal no ambiente escolar? É possível observar alguma diferença?

Positivo, pois alunos gostam muito de trabalhar com o jornal. Muitas crianças não têm o hábito de ler jornal ou nunca tiveram oportunidade de entrar em contato com ele mais profundamente. Mesmo quando não passo atividade para casa ser realizada com o jornal eles pedem para levá-lo. Eles têm muito interesse pelas notícias.

2- Qual é a diferença após a inserção do jornal?

A aula fica mais produtiva. Mesmo que nós direcionemos o trabalho para em determinada foco ou assunto, eles opinam sugerindo que tema pode ser abordado ou como o trabalho pode ser realizado. O interessante das aulas com o jornal é a participação dos alunos.

É importante trabalhar com o jornal porque não há aquela coisa de autoritarismo. Com o jornal dá criar muito.

Infelizmente, trabalha com o jornal uma vez por semana. Sempre sugiro alguma atividade, mas deixo aberto para eles escolherem e proporem outras coisas. Isso estimula a criatividade.

A professora garante que não dá para utilizar o jornal todos os dias da semana em função do tempo, caso contrário, não haverá tem hábil para cumprir o cronograma escolar.

Na época do referendo as crianças debatiam sobre a questão através dos fatos apresentados no jornal. Alguns concordavam outros, não.

3- Você conhece outros programas de jornal em educação?

Não.

4- Você acredita que através destes programas é possível fazer uma leitura mais crítica e reflexiva dos meios de comunicação e das informações que são veiculadas diariamente?

O jornal na sala de aula é igual à televisão, se deixar por conta dos alunos eles são vão direto para a parte de entretenimento. No caso desta turma, que é uma turma muito interessada nas questões atuais, sempre escutam alguma notícia em lugar eles pegam o jornal para ler e, por isso, entendem melhor a notícia.

6- Você acredita que a implantação deste tipo de programa nas escolas pode ser uma estratégia de marketing dessas empresas para a formação de público leitor?

Creio que sim, mas vai depender muito da formação de cada aluno e de cada caso.

A participação da família pode ser decisiva no fato da criança no futuro ser um leitor (de jornal) ou não. Porque aqui na escola os professores mostram o jornal, fazem trabalhos, mas se não houver o incentivo da família, o interesse acaba. É um dos objetivos do jornal, mas depende da criança. Se for uma estratégia, acho válida.

7- Como percebeu que os alunos ficaram mais críticos?

Com certeza. O jornal traz uma versão dos fatos, mas nós fazemos os questionamentos. A partir daí, eles se posicionam criticamente.

8-Quando você trabalha o jornal com as crianças, você acredita que o que está escrito traduz a verdade absoluta?

Não.

ANEXO F – ENTREVISTA VI

Entrevista realizada, em 02 de maio de 2006, com Professora de 5ª a 8ª série, Escola Municipal, localizada na Penha.

1- Por que e como decidiu ser professora?

Passei primeiro para História na Universidade Federal Fluminense e fui para lá fazer o curso. Não tinha a menor vontade de ser professora, aliás, isso nem passava pela minha cabeça. Fiz o curso com a intenção de ser pesquisadora. Lá na faculdade trabalhei com pesquisa, tive bolsa do CNPq. Quando eu já estava me formando comecei a pensar o que ia fazer quando terminasse a faculdade. Sabia que era difícil continuar com pesquisa. Um ano antes da minha formatura, incentivada pelo meu pai, acabei me inscrevendo para o concurso de professor do Estado. Então, assim que me formei, fui chamada para tomar posse do cargo de professora em uma escola estadual, em Belford Roxo, em 2000. Trabalhava lá três vezes por semana.

2- Na época, você achava que tinha vocação para ser professora?

Não. Às vezes, acho que não tenho vocação até hoje. Mas com o tempo aprendemos o dia-a-dia em sala de aula. Nenhum profissional sai pronto da Universidade. Ele aprendendo com a experiência. Tanto que minhas primeiras aulas não foram boas. Eu peguei turmas de jovens e adultos. Uma parte da família pressionava para eu ficar, outra dizia que não era para eu continuar.

3- Já teve outras experiências de trabalho?

Antes de trabalhar na área de educação, atuei em empresas com agente administrativo. Inclusive, de 2000 a 2002 exerci as duas atividades. Trabalhava em uma empresa durante o dia e na escola durante a noite. Deixei de trabalhar na empresa porque tinha passado no vestibular de Comunicação e minha vontade maior era estudar.

4- Como é o trabalho de professora hoje? Há dificuldades? Quais são elas?

A maior dificuldade hoje é lidar com a violência, que é um problema da sociedade toda, e com a agressividade dos alunos. A escola não está preparada para enfrentar isso. Quando nos formamos, muitas vezes, não estamos preparados para enfrentar sequer a sala de aula. A UFF não forma professores, sim pesquisadores. O curso de licenciatura é desvinculado da faculdade de história, as disciplinas de prática pedagógica são fora da realidade e os alunos nem levam a sério.

Há também um outro problema, que é a falta de estrutura. Foi transferida para a escola a responsabilidade que antes era da família. Os pais estão ausentes, não participam da vida escolar do filho e, em grande parte dos casos, não querem nem saber se o filho foi à escola.

Essa escola atende a uma comunidade muito carente do Complexo da Maré. Não é raro presenciar alunos que não têm mochila para levar o material ou perceber que alguns só vão à escola por causa da merenda. Hoje em dia, o estudante não entende a escola como algo importante para seu futuro. Os professores não são mais exemplos para seus alunos. Criou-se uma imagem negativa do professor.

A escola, hoje, também não tem nenhum poder de sanção. Os diretores, coordenadores e professores não podem impedir o aluno de fazer quase nada.

5- Você acredita que as dificuldades enfrentadas hoje pelo professor é consequência da má formação que ele teve na Universidade?

Não acredito que seja má formação na área escolhida, no meu caso, optei por História. A má formação está relacionada à área pedagógica, que não prepara para sala de aula. Às vezes, o formando só dá uma ou duas aulas antes de se formar, o que é muito pouco.

5- Quanto à infra-estrutura da escola, qual é sua opinião?

A infra-estrutura é razoável. O problema é a verba. O governo determina em que ela será gasta, mas, às vezes, a necessidade da escola naquele momento é outra, no entanto, ela só pode ser gasta no que está determinado pelo governo.

6 - Quais são os pontos positivos?

O que há positivo nas escolas, apesar de acharmos que está tudo péssimo, é o fato de ainda existir um grupo pequeno de pais e alunos que são participativos e interessados. São poucos, mas isso já vale. Acho que é por isso que o professor ainda não desistiu, embora tenha professores que não são compromissados com a profissão.

Em geral, os professores mais jovens dão ânimo às escolas por acreditarem que podem mudar alguma coisa na escola.

A Escola Municipal Professor Souza Carneiro era mal vista aqui na região. Chamavam-na de Carandiru. Acredito que quando a escola se abriu para todos, as pessoas não estavam preparadas para lidar com a diversidade de alunos que passaram a compor o quadro da escola. Os alunos são muito presos à realidade das favelas em que eles moram e muitas vezes desconhecem outros locais do Rio de Janeiro. A escola tem um papel motivador na vida das pessoas. A importância dela precisa ser reconhecida novamente.

7- O que você mudaria?

Mudaria o fato dos alunos chegarem à quinta série sem saber ler nem escrever. Por que isso acontece? Porque não se reprova mais o aluno nas séries anteriores. Esse problema se prolonga até o ensino médio. Ou seja, a base do ensino está muito ruim. Isso reflete também na própria formação do professor que chega a universidade se o conhecimento que deveria ter.

8- Como são os hábitos dos alunos?

Sempre levo meus alunos para atividades culturais e eles adoram este tipo de passeio. Eles adoram cinema, teatro, museu. Comportam-se melhor que em sala de aula, ficam mais atenciosos, perguntam. Levei uma turma minha ao Instituto Moreira Sales, na Gávea, e eles ficaram encantados.

Na Souza Carneiro tem o projeto Orquestra de Vozes da Prefeitura. O maestro treina várias músicas com as crianças durante. Elas adoram o funk, mas quando têm a oportunidade de conhecer outro estilo musical, eles gostam também.

9- Como são os materiais didáticos? Há problemas em relação a eles?

Todo material didático tem problema. Alguns livros não abordam bem o tema ou trazem erros. Outros são complexos para determinadas séries. No entanto, a presença dele é importante porque algumas atividades são realizadas através de seu uso. Mas o livro é só mais um instrumento, assim como o quadro e materiais complementares. Eu geralmente levo textos complementares para os alunos.

Não dá para utilizar o livro todo dia, senão as aulas ficam monótonas.

10- Em sala de aula, você utiliza meios de comunicação como material didático?

Sim. Geralmente, uso jornal impresso, filmes e programas e propagandas de tv. Antes mesmo de conhecer e começar a trabalhar com o programa O Dia na sala de aula, na Escola Municipal Professor Souza Carneiro, eu já fazia trabalhos com jornal em uma turma de ensino

médio de uma escola estadual, em Belford Roxo. Mas ainda não tinha trabalhado nas turmas de 5ª a 8ª porque achava que ia ser difícil fato dos alunos serem pequenos.

Quando a Souza Carneiro ingressou no programa *O Dia na sala de aula*, eles nos ensinaram que o jornal pode ser utilizado até pela criança que não sabe ler. A partir daí comecei a utilizar o jornal com as turmas de 5ª a 8ª também.

11- Como você utiliza os meios na sala de aula?

Utilizo para complementar os temas.

A primeira coisa que faço é apresentar o jornal a turma, mostrando a estrutura do jornal. Apresento o que é o título, a manchete, a chamada, a lead, as editorias, os cadernos, enfim, tudo que tem no jornal. Eles manuseiam o jornal e escolhem o que mais agradava. Geralmente, faço essa apresentação às turmas que nunca trabalharam com jornal. Nas que já tiveram contato, trabalho da seguinte maneira: separo a turma em grupos, organizo a sala, explico como será a atividade que vou realizar, distribuo o jornal e peço para eles fazerem a atividade. Geralmente, eu separo a parte do jornal que eu quero trabalhar, senão eles acabam desviando a atenção para outro assunto. Por exemplo, se não vou falar de esporte, retiro este caderno do jornal que levo para sala.

Nós recebemos o jornal com uma semana de atraso. Podemos trabalhar desde um assunto específico até algo mais amplo. Ou então, de um assunto, como a Copa do Mundo, nós podemos trabalhar relacionando com algo da nossa disciplina. A professora de ciências aproveitou a Copa para falar sobre a gripe do frango. Ou seja, uso o jornal para trabalhar as questões de hoje.

Uma coisa que faço com frequência é levar outros jornais e revistas para que eles possam comparar as notícias, porque senão eles só terão o jornal O Dia como base.

Aí faço trabalhos com eles para mostrar o que há de diferente e igual nas notícias para trabalhar a noção de crítica. Mostro que aquilo é uma construção. E também para mostrar o próprio ensino da História. Sempre digo a eles que ela não é um saber fechado, mas que é construído ao longo dos anos e que está ligado a realidade de quem produz. Vemos a história com os próprios olhos e o passado com olha de hoje.

Nossas preocupações com estudo da história, hoje, está ligado ao que queremos buscar do passado. Cada historiador e todos nós aqui fazemos a história de nosso tempo. Sempre buscamos o passado pensando no presente. E o jornal serve para o aluno compreender isso melhor. Até porque quando falo sobre as fontes históricas, cito o jornal como um tipo de fonte.

Peço para que eles construam textos a partir das matérias do jornal. Há algum tempo, decidimos (na escola) que uma das possibilidades de uso do jornal seria a construção de textos, em função dos alunos lerem e escreverem precariamente. Nestas atividades, também estimulo a explicação oral do que eles acabaram de ler. Outro exercício que também faço é recortar uma imagem, dependendo do título deixo ou não, e peço para que eles descrevam-na. Às vezes, peço para traçarem um paralelo com o texto que a acompanhava. Estes trabalhos são realizados em pequenos grupos, favorecendo ao debate de idéias e nunca individualmente.

12- A decisão de incentivar a escrita faz parte do projeto político pedagógico da escola?

Sim, em função dos estudantes chegarem mal alfabetizados à 5ª série. Os alunos têm medo de escrever e a partir dessa decisão caberia ao professor estimulá-los a produzir textos.

13- Em sala de aula, vocês utilizam meios de comunicação como material didático?

Utilizo, sim. As escolas públicas têm TV a cabo e sempre que tem algum programa que me interessa, eu peço para gravarem a fim de que eu possa utilizá-los em sala de aula.

14- Você discute o jornal em sala de aula como órgão de opinião?

Sempre discuto esta questão com meus alunos, porque isso, em minha opinião, é primordial para eles entenderem a História. Trabalho de maneira que eles entendam que História é construção de um período. Por isso, que vira e mexe novas descobertas estão sendo feitas, como arcadas de fósseis entre outros. Além disso, sempre surgem novos fatos e novas versões para determinados fatos. O jornal é legal para esse ponto da História. A própria televisão é interessante, mas o jornal impresso é mais completo e concreto neste sentido. Principalmente, quando levo outros jornais e revistas para eles perceberem a diferença na construção do discurso de uma mesma notícia, que em muitos casos pode ser uma questão de manipulação.

15- Os alunos percebem essa diferença (no discurso)?

Depende da série, mas em geral percebem. Quem está fora da sala de aula tem a falsa crença de que os alunos são tolos e não percebem essas questões. Os alunos ainda não têm o hábito da leitura, mas vêem muita TV e têm muita informação de todos os lados. Então, no dia-a-dia, eles acabam percebendo as diferenças de discurso. Mas não sabem explicá-las. Isso é identificado durante a realização do trabalho com jornal. Os alunos sempre falam sobre o que viram ou ouviram em outro meio de comunicação.

Talvez, não tenham a malícia para perceber o que há por trás do discurso e quais interesses estão ali representados. No entanto, quando o professor trabalha isso na sala de aula isso fica claro para o estudante.

16- Que temas você trabalha com jornal?

Escolho de acordo com o conteúdo programático de cada série.

17- Como os alunos reagem à inserção do jornal?

O aluno gosta de aula de dinâmica e o jornal traz esse dinamismo, seja porque eles vão recortar alguma coisa, seja pelo fato de ser algo diferente, novo daquilo que eles já conhecem que é copiar, escutar e fazer exercício.

Os estudantes gostam da aula com o jornal porque tem que participar muito, tem que falar muito, porque eles podem manifestar a opinião deles.

18- Como você analisa a presença do jornal no ambiente escolar? É possível observar alguma diferença?

Os resultados obtidos podiam ser melhores se todos os professores da escola estivessem engajados no projeto. Eu mesma não o utilizo tanto quanto gostaria por ter que cumprir o calendário escolar imposto pela Secretaria Municipal de Educação.

O diálogo proposto pelo projeto faz com que o aluno dialogue sobre diferentes assuntos.

19- Você conhece outros programas de jornal em educação e que comparação você pode fazer entre eles?

Sei existe o do jornal O Globo, mas sei como funciona.

20- Você acredita que a implantação deste tipo de programa nas escolas pode ser uma estratégia de marketing dessas empresas para a formação de público leitor?

Independentemente de esta ser a intenção final deles, o trabalho que vem sendo realizado, a iniciativa de levar o jornal para sala de aula é válida. Porque se você formar público leitor, você terá antes pessoas críticas e com hábito de leitura. Além disso, isso não significa que o leitor vá ler o jornal deles.

ANEXO G – ENTREVISTA VII

Entrevista realizada, em 08 de maio de 2006, com a Supervisora Pedagógica, da segunda Escola Municipal visitada, localizada na Tijuca.

1- Por que e como decidiu ser professora?

Minha estória é parecida. Sempre gostei de ensinar também. Essa era uma tarefa que desde criança me dava prazer. Ensinar e trocar. O contato com as pessoas era minha preferência.

2- Como vocês vêem a escola hoje?

A tendência é compararmos com nossa época de estudante e nosso início de formada. A situação está mudando. E é a relação familiar é diferente da época que as nossas mães estavam em casa e acompanhavam o andamento escolar dos filhos. As famílias eram mais participativas.

Acompanhando todas essas mudanças sociais, acredito que os desafios da escola hoje são outros. Ao mesmo tempo, em que os alunos têm novas tecnologias como facilitadores da aprendizagem, a família está ausente deste processo.

3- Como foi a decisão de participar do programa *O Dia na sala de aula*?

Eu conhecia o projeto do jornal O Globo, Quem lê jornal sabe mais. Porém, o do jornal O Dia, que é o que a nossa escola vem participando nesses últimos anos, descobri através de uma conversa com uma professora de outra escola. Eu me interessei e inscrevi a escola.

A equipe do *O Dia na sala de aula* nos exigiu um projeto justificando o porquê da inserção no programa. A partir daí, na função de supervisora pedagógica, comecei a motivar os professores a trabalhar com jornal.

A receptividade do grupo (de professores) foi muito boa. Todos “compraram” a idéia. Com isso, começamos a refletir qual seria a importância do jornal na sala de aula e quais objetivos nós queríamos alcançar com o uso do jornal.

O grupo de professores da escola, que é coeso, ajudou muito nessa reflexão e na realização desse trabalho. Nós estudamos, trabalhamos e superamos as dificuldades juntas (juntas porque não há, no momento, nenhum professor homem na escola).

4- A implantação do programa *O Dia na sala de aula* está relacionado projeto político pedagógico (PPP) da escola?

Em nosso PPP, nós priorizamos a formação do aluno/ cidadão de mundo, que tenha consciência de valores e da atualização de informações e tudo que o cerca. Dentro dos objetivos maiores do PPP, o jornal só vem nos subsidiar, porque estamos sempre contextualizando as notícias que estão a nossa volta. Não tem como separar todas as atividades do programa *O Dia na sala de aula* que visem apoiar os objetivos do PPP e vice-versa.

Aqui na escola, tem uma coordenadora de um subprojeto do *O Dia na sala de aula*, que é o jornaleiro do seu turno. Nós percebemos que não bastava só ler em sala de aula, direcionando a leitura. Tínhamos que despertar o prazer ler. Se as famílias não lêem, não adianta só a professora motivar. Com a circulação dos jornais nas casas, entre as famílias, o hábito da leitura e o prazer da leitura aumentam.

Depois de um período, nós fazemos pesquisas para saber qual é a turma que mais leva jornal para casa, quem da família mais lê o jornal, que tipo de notícias os familiares lêem e o que mais os impressionam. Senão fica a sub-utilização do jornal e não é isso que a escola quer.

Esse projeto também confere a criança um status muito grande à criança, pois é ela que está chegando a casa com aquele meio de comunicação e levando informação para a família. Quando fazemos a pesquisa, as famílias se colocam apoiando o projeto.

5- Quantos exemplares a escola recebe em média?

70 exemplares. O jornal atende de acordo com a demanda.

6- A função do jornaleiro da semana melhora a auto-estima dos alunos?

Sim. Eles se sentem privilegiados e cobramos dele o exemplo do hábito da leitura.

7- Como vocês fazem o trabalho de motivação das professoras para utilizarem o jornal em sala de aula? Como elas trabalham com o jornal?

Nós estamos com o programa do O Dia há anos. A motivação só vem crescendo. Teve uma época que tínhamos um caderno onde as professoras registravam as atividades realizadas com as crianças. Nós temos também o Centro de Estudos (que faz parte do calendário de atividades da Secretaria Municipal de Educação) como ponto de encontro para trocarmos idéias e informação a respeito do programa.

Procuramos ir a todas as reuniões promovidas pelo jornal O Dia, até por exigência deles. Então, o elemento que vai representado a escola tem o compromisso de passar as informações para os outros professores.

Convidamos uma vez por ano a equipe do jornal para visitar a escola e realizar oficinas para motivar os professores. Também participamos da jornada educacional que eles organizam uma vez por ano, inclusive, promovemos oficinas junto com outras escolas.

Na sala dos professores tem outro mural com as notícias e novidades a respeito do projeto. Uma estratégia de motivação de leituras entre alunos é reunir os “jornaleiros” e fazer uma análise dos pedidos a fim de saber como estão o andamento deles, saber qual turma pede mais jornal, qual pede menos, por que ela pede menos.

8- Todos os professores participam do projeto?

Da educação infantil a quarta série, todos participam sem exceção. Inclusive, as quatro de educação física fazem trabalhos com jornal sobre a História do esporte e dos atletas, regras de jogo, valores éticos, condutas no esporte, entre outros.

Todo mundo aqui acredita que o trabalho com jornal melhora a formação do aluno em sua visão de mundo.

9- As professoras fazem atividades em sala de aula em que elas tenham que ler as matérias e discuti-las com as crianças?

O objetivo é esse. Nós já passamos da fase de recortar palavrinhas. No início até fazíamos, mas a Rosângela (ex-coordenadora do O Dia na sala de aula) sempre nos mostrou que essa era uma das possibilidades de uso. Ela nos incentivou a sair dos recortes, pois dizia que precisávamos trabalhar a notícia sem recortes. Trabalhar a notícia sem recortes redimensionou as atividades aqui na escola.

10- Que outros trabalhos de capacitação são feitos?

Cristina: Ano passado nós comemoramos o centenário da escola. Então, dividimos as professoras em dois grupos e montamos dois jornais. Um teria que recriar um jornal com o noticiário de cem anos atrás, entre ele a notícia da inauguração da escola. O outro seria um jornal com notícias atuais, entre elas a comemoração de cem anos da escola.

Vivenciamos primeiro com os professores várias atividades que propomos para sala de aula

11- Os alunos fazem jornal?

Não. Este é ainda um desafio. Mas não fazemos por falta de ter onde imprimi-lo. Precisamos de uma gráfica. Faltam recursos materiais. Até xerocar fica difícil. Produzir o jornal na escola seria excelente. O uso do jornal reverte em aprendizagem. A criança que lê mais, escreve, argumenta e se expressa melhor. Produzir o jornal na escola seria excelente.

12- Vocês fazem algum tipo de avaliação do programa?

Ao final de cada semestre fazemos uma avaliação que envolve toda comunidade escolar (pais, professores e alunos). Através delas percebemos que os pais apóiam a utilização do jornal na escola. Essas duas avaliações independem do pedido do *O Dia na sala de aula*, que requisita um relatório ao final do ano.

A importância do projeto reside no fato dele formar estudantes participativos e com consciência crítica.

13- Você conhece algum programa de jornal em educação? Se conhecer mais de um fazer comparação entre eles.

Sim, o do jornal O Globo. Este programa é voltado para o público de 5ª à 8ª série, por isso nunca trabalhamos com ele.

14- Você acredita que a implantação deste tipo de programa nas escolas pode ser uma estratégia de marketing dessas empresas para a formação de público leitor?

É inevitável que qualquer instituição seja movida por verba. Até pode haver uma intenção por trás desse projeto. Quem é que não quer vender seu produto? Mas acredito que esse departamento, que se dedica às escolas, é bastante comprometido e nos passa a idéia de que o investimento que vem sendo feito não é no leitor que irá comprar o jornal, mas no cidadão do futuro, que pode mudar a sociedade, que pode intervir no futuro. Nesses anos todos, em que pertencemos ao programa, sempre ficou claro em todas as reuniões que qualquer jornal pode ser utilizado. Além de ser motivada a comparação, principalmente, porque cada jornal tem uma intencionalidade. Por isso, nos procuramos fazer leitura da mesma notícia em diferentes jornais para que a criança perceba as diferentes intencionalidades.

15- Os alunos percebem a diferença?

Os maiores sim.

16- Quais são atividades realizadas?

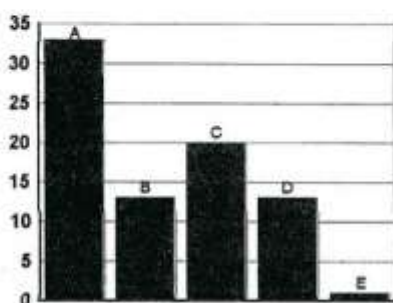
- Linha do tempo – exposição em ordem cronológica dos exemplares do jornal, recebidos na semana.
- “Jornaleiro do seu turno” – é a atividade chamada “jornaleiro da semana”, que foi renomeada pela escola, pois é realizada diariamente. Para a eleição há todo um processo, no qual os candidatos têm que justificar por escrito por que querem ser o “jornaleiro de seu turno”. Isso é feito porque eles serão os grandes motivadores de leituras para outras crianças. O “jornaleiro de seu turno” entregará aos demais estudantes o exemplar que desejam levar para casa.
- Cartaz com avaliação de notícias – elaboração de um cartaz com diferentes olhares (ícones de carinhas sorrindo, chorando, zangado, etc.) sobre uma determinada notícia. Os alunos têm que lê-la, classificá-la e justificar sua escolha. Com este trabalho, a escola acredita estar formando alunos críticos e opinativos. Toda a escola participa da atividade. O mural é trocado a cada 20 dias. Em 2005, a turma e os alunos que mais participaram, ganharam um prêmio simbólico, que foi a exibição de um filme.
- Leitura sistemática das notícias em sala de aula e debate.

ANEXO H

Pesquisa realizada pelo Instituto Ary Carvalho, gestor do programa *O Dia na sala de aula*.

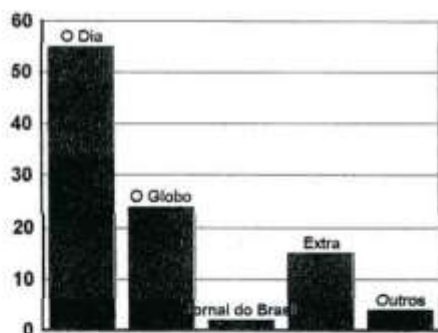
Resultado da pesquisa realizada em 7 de dezembro no evento de encerramento das atividades do Programa O Dia na Sala de Aula.

1. Frequência da leitura do jornal:



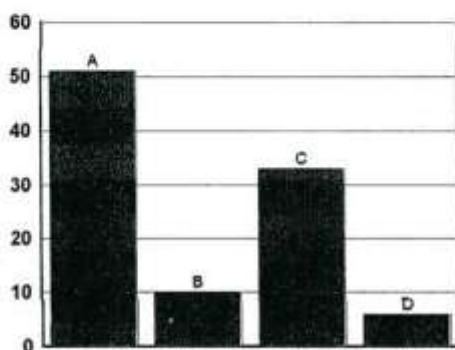
- A) Diariamente (33%);
 B) Três vezes por semana (13%);
 C) Duas vezes por semana (20%);
 D) Uma vez por semana (13%);
 E) Resposta em branco (1%).

2. Jornal mais lido:



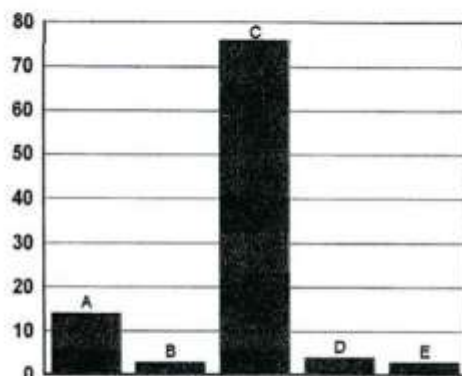
- O Dia (55%)
 O Globo (24%)
 Jornal do Brasil (2%)
 Extra (15%)
 Outros (4%)

3. O que procura no jornal?



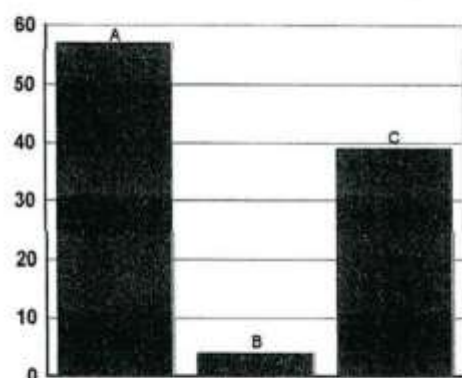
- A) Temas da atualidade (51%);
 B) Lazer e cultura (10%);
 C) Temas para uso em sala de aula (33%);
 D) Apenas o prazer de ler (6%).

4. O noticiário sobre violência urbana:



- A) Aumenta o conhecimento da nossa realidade (14%);
 B) Aumenta o medo das ruas (3%);
 C) Incentiva a discussão sobre a realidade (76%);
 D) Incentiva a prática da violência (4%);
 E) Não lê tais matérias (3%).

5. O que faz quando o assunto explora o lado negativo?



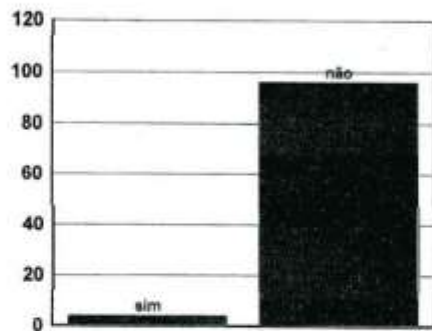
- A) Aprofunda o assunto e propõe debate (57%);
 B) Prefere não abordar o tema e procura outro assunto (4%);
 C) Analisa as matérias antes de levá-las à sala de aula (39%).

6. Com quem comenta o que lê no jornal?



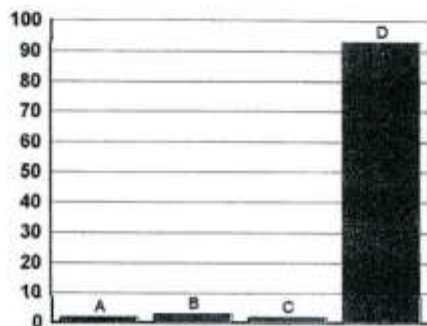
- Família (52%)
 Colegas de escola (46%)
 Amigos e vizinhos (2%)

7. É difícil ler o jornal?



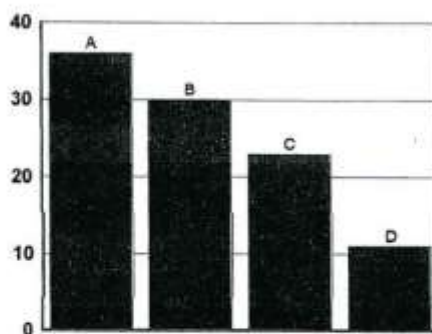
Sim (4%)
Não (96%)

8. Por que é difícil ler o jornal?



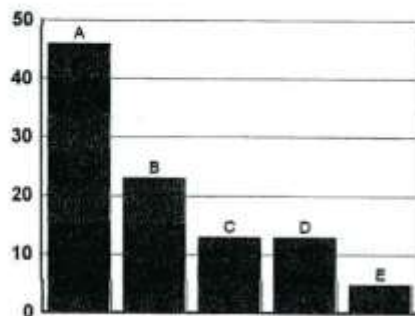
A) A linguagem usada é inadequada pedagogicamente (2%);
B) O tamanho do jornal desestimula a leitura (3%);
C) É cansativo e chato (2%);
D) Resposta em branco (93%).

9. Costuma ler o jornal em casa:



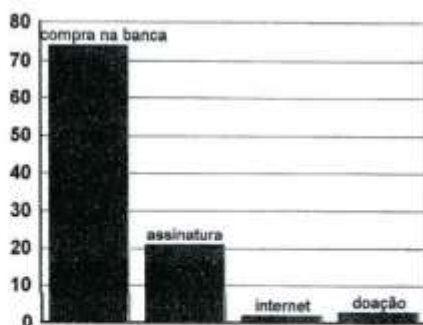
A) Sábado e/ou domingo (36%);
B) Diariamente (30%);
C) Algumas vezes por semana (23%);
D) Não lê o jornal em casa (11%).

10. Mais quem lê o jornal em casa?



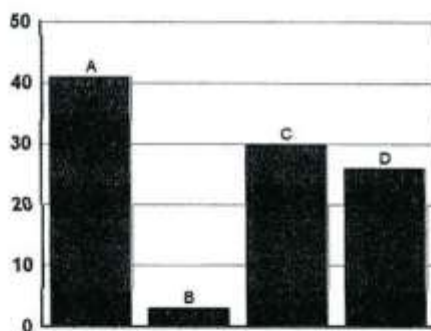
A) Cônjuge (46%);
B) Filhos (23%);
C) Irmãos (13%);
D) Outros parentes (13%);
E) Resposta em branco (5%).

11. Como o jornal chega em casa?



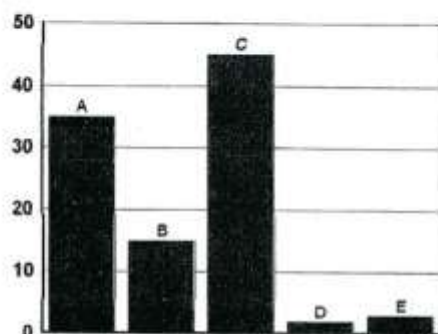
Compra na banca (74%)
Assinatura (21%)
Internet (2%)
Doação (3%)

12. A aula usando o jornal:



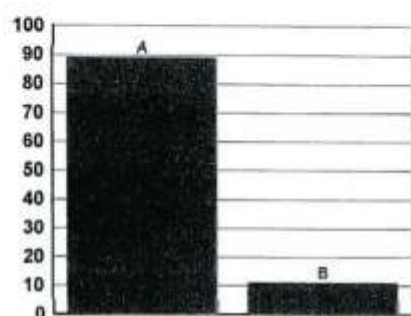
A) Atualiza conteúdos (41%);
B) Facilita a participação (3%);
C) Os alunos ficam mais motivados (30%);
D) Fica mais produtiva e interessante (26%).

13. Vantagens de trabalhar com jornal:



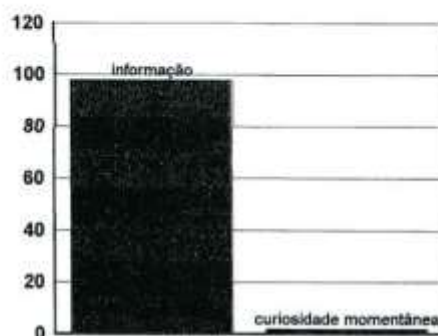
- A) Traz mais idéias (35%);
B) Aumenta a participação dos alunos (15%);
C) Incentiva a leitura (45%);
D) Facilita o trabalho em grupo (2%);
E) Resposta em branco (3%).

14. O jornal e o livro didático:



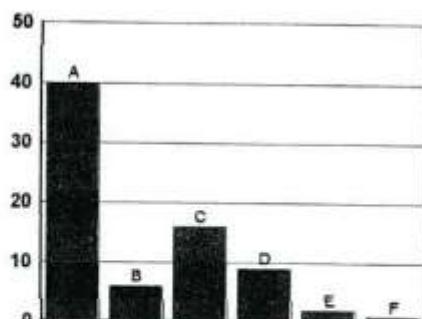
- A) O jornal complementa o livro didático (89%);
B) O jornal não substitui o livro didático (11%).

15. Motivo para ler o jornal:



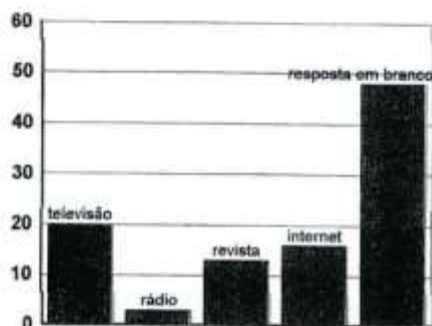
- Informação (98%)
Curiosidade momentânea (2%)

16. A melhor mídia:



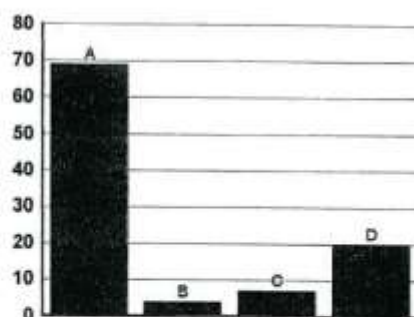
A) Televisão (40%);
 B) Rádio (6%);
 C) Jornal (16%);
 D) Internet (9%);
 E) Sem preferência (2%);
 F) Resposta em branco (1%).

17. A pior mídia:



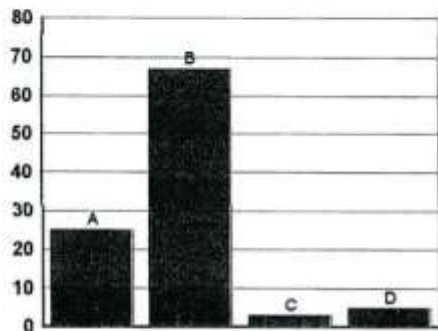
Televisão (20%)
 Rádio (3%)
 Revista (13%)
 Internet (16%)
 Resposta em branco (48%)

18. O uso do jornal na sala de aula:



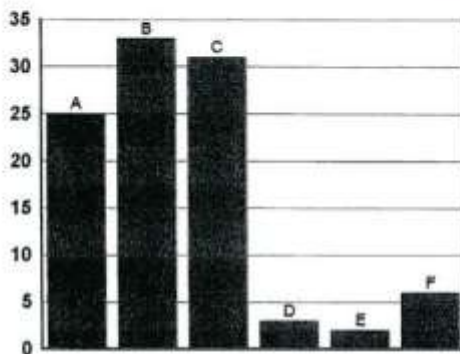
A) Ajuda na atualização (69%);
 B) Melhora o entendimento (4%);
 C) Aumenta e facilita a relação interpessoal e familiar (7%);
 D) Resposta em branco (20%).

19. Como se sente com a leitura de um jornal?



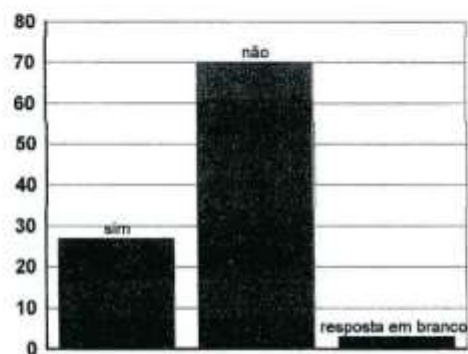
A) Com mais assunto para conversar (25%);
 B) Mais seguro para opinar sobre os assuntos (67%);
 C) Com mais facilidade para escrever (3%);
 D) Resposta em branco (5%).

20. Que parte do jornal O Dia mais gosta de ler?



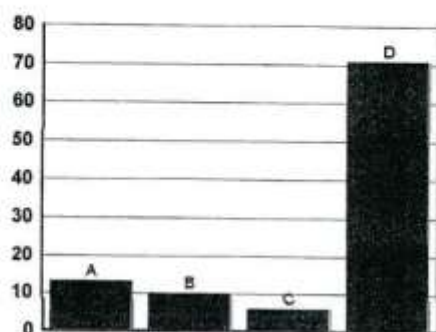
A) Cidade / Polícia (25%);
 B) De olho para você (33%);
 C) Caderno D (31%);
 D) Informática (3%);
 E) Saúde (2%);
 F) Tudo de bom (6%).

21. Conhece o jornal Meia Hora de Notícia?



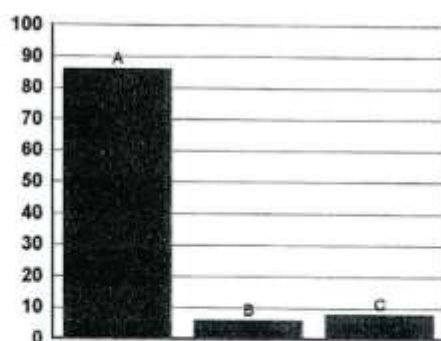
Sim (27%)
 Não (70%)
 Resposta em branco (3%)

22. Qual parte do Meia Hora mais gosta de ler?



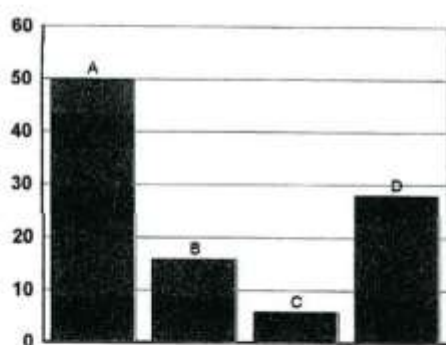
- A) Cidade /Polícia (13%);
- B) Saúde (10%);
- C) Jornal FM O Dia (6%);
- D) Resposta em branco (71%).

23. Você considera que o uso do jornal aumenta a leitura?



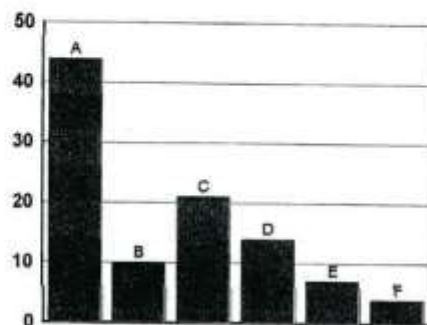
- A) Na maioria dos alunos (86%);
- B) Apenas em alguns alunos (6%);
- C) Não tem esse dado (8%).

24. O aluno que lê jornal:



- A) Questiona mais (50%);
- B) Participa mais das aulas (16%);
- C) Freqüenta mais a biblioteca / sala de leitura (6%);
- D) É mais crítico (28%).

25. Que parte do jornal O Dia mais usa em sala de aula?



A) Cidade / Polícia (44%);
B) De olho para você (10%);
C) Ataque (21%);
D) Caderno D (14%);
E) Saúde (7%);
F) Classificados (4%).